



VIII C O M A
COLETIVO EM ARTES VISUAIS

ATLAS PARA O FUTURO
A PESQUISA EM ARTES NA UNIVERSIDADE

25 ANOS
PPGAV/UNB

caderno de resumos



VIII C O M A
COLETIVO EM ARTES VISUAIS

ATLAS PARA O FUTURO
A PESQUISA EM ARTES NA UNIVERSIDADE

25 ANOS
PPGAV/UNB

11 a 30 de setembro de 2019

**25 anos do Programa de Pós-Graduação e
em Artes Visuais da Universidade de Brasília**

caderno de resumos

organizadores

LIMA, Pedro; OLIVEIRA, Emerson; SILVA, Anna; SOUZA, Maria; TINOCO, Bianca

ISBN:

Título: Cadernos de Resumos do VIII ComA. Atlas para o futuro: a pesquisa em artes na universidade.

Tipo de Suporte: E-book

Formato Ebook: PDF

Capa e Editoração eletrônica: Pedro Ernesto Freitas Lima

Revisão: Anna Paula da Silva, Bianca Tinoco e Maria de Fátima Medeiros de Souza.

10 - Comitê Científico do VIII ComA

Almerinda da Silva Lopes – Universidade Federal do Espírito Santo

Alice Fátima Martins - Universidade Federal de Goiás

Fernando do Nascimento Gonçalves - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Fernando Miranda Somma - Universidade de la Republica do Uruguai

Gilberto dos Santos Prado – Universidade de São Paulo / Universidade Anhembi Morumbi

Helio Ferverza - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Lucia Pimentel - Universidade Federal de Minas Gerais

Luiz Sérgio da Cruz de Oliveira - Universidade Federal Fluminense

Maraliz de Castro Vieira Christo - Universidade Federal de Juiz de Fora

Maria de Fátima Morethy Couto - Universidade Estadual de Campinas

Maria Elizia Borges - Universidade Federal de Goiás

Marize Malta - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Michel Asbury – University of the Arts London

Milton Terumitsu Sogabe – Unesp / Universidade Anhembi Morumbi

Sandra Terezinha Rey - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sonia Salztein – Universidade de São Paulo

Comissão de Organização VIII COMA – Universidade de Brasília

Alessandra Campos Tótolli

Alexandre Galvão de Queiroz Rangel

Alla Soüb

Anna Paula da Silva

Artur Cabral Reis

Bianca Andrade Tinoco

Douglas Firmino da Silva

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira (coord.)

Felipi Souza dos Santos

Havane Maria Bezerra de Melo

Iris Helena França de Araujo

João Francisco Teixeira Teofilo

José Antônio Loures Custódio

Krishna Figueiredo Passos

Krishna Figueiredo Passos

Laura Virgínia Moraes de Oliveira Neta

Levi Orthof

Lorena Ferreira Alves

Ludmilla Alves Carneiro de Lima

Marcio Tavares dos Santos

Maria de Fátima Medeiros de Souza

Marijara Souza Queiroz

Monica Lucia Molina Saldarriaga

Narla Skeff

Paulo Fernando Santos Nisio

Pedro Ernesto Freitas Lima

Raisa Curty Cavalheira Sobral

Renato Medeiros Cordeiro

Tais Aragão de Almeida

Índice

Conferências, 05

Palestras, 06

Comunicações Orais, 12

Comunicações Pôsteres, 27

BALDASSARE, María Isabel [Universidad Nacional de San Martín, Argentina]

De la historia del arte a la historia de la moda. Un recorrido de investigación posible

Esta presentación tiene como objetivo exponer y debatir mi recorrido propio de investigación entre la historia del arte y lo que denominaré una historia visual de la moda. Partiendo de mis estudios sobre el coleccionismo y el consumo de pinturas y esculturas a fines del siglo XIX –desde un abordaje basado en la historia social del arte– al trabajo actual sobre la circulación, realización y consumo de prendas de indumentaria en Buenos Aires durante el mismo periodo, busco plantear las consonancias, divergencias y desafíos de cada uno de estos problemas de investigación. La propuesta es reflexionar sobre los marcos teóricos, la construcción de los corpus documentales, la accesibilidad y estrategias de análisis de las fuentes y por último, proponer a la cultura visual como un punto de encuentro en ambas perspectivas.

MEDEIROS, MARIA BEATRIZ DE [UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA]

Corpos Informáticos: 1992-atual

O Grupo de Pesquisa Corpos informáticos dedica-se a pensar o(s) corpo(s) como composição/decomposição com o outro, com a cidade, com a web, considerada o espaço urbano por excelência nos dias de hoje, salientando o aspecto político desta composição/decomposição. Este processo se dá pelo que denominamos iteração, processo criativo colaborativo, político, em sua essência. Outros conceitos colaboram com o fundamento do conceito de iteração (que se distingue claramente do conceito de interação) na arte: grupo, composição urbana (composição/decomposição urbana), webarte como composição/decomposição da urbis virtual, pronóia (sic), performance e performance entendida como fuleragem (sic), mar(ia-sem-ver)gonha e o próprio conceito de linguagem, sobretudo aquela que pensa/fala/escreve sobre arte.

SILVA, Armando [Universidad Externado de Colombia]

La bella imaginada como proyecto de arte transmedia

Propiedad inherente a los imaginarios es el hecho de que están hechos de estética: no es solo una episteme sino éste en fusión con lo aisthetiko y, por tanto, corresponde a una visión del mundo donde lo sensorial y lo afectivo marcan una ruta entre psiquis y representación. A partir de este enunciado, propongo examinar los signos urbanos del proyecto la bella 2.0 en el que un grupo de artistas deciden sacar de la ficción los personajes de una novela –la bella durmiente 2.0, de mi autoría– y los hacen convivir con la urbe en distintos formatos: exposiciones digitales de relatos de la bella reelaborados, performances callejeros, intervenciones transmedia en galerías. Presentaré herramientas del arte y la estética como factores constructores de otra visión pública.

VENTURELLI, Suzete [Universidade de Brasília; Universidade Anhembi Morumbi]

Aventura: arte senciente

Senciente significa a capacidade dos seres de sentir sensações e sentimentos, assim como, ter percepções conscientes do que os cerca e do que lhes acontece. Capaz de sentir ou perceber através dos sentidos, discute-se as seguintes questões: como por meio da arte nos sentimos mais vivos, despertamos desejos e nos mostramos sencientes? Ou ainda, como o caráter de inerência entre o lado senciente e sensível, vidente e visível do sujeito artista se relaciona com o mundo?

BARRETO, Francisco de Paula [Universidade Federal da Bahia]

Arte e Inteligência Artificial: interatividade e novas interfaces

Partindo da premissa de que a arte exprime o imaginário do seu tempo, a presente pesquisa busca refletir sobre o imaginário contemporâneo que cerca o conceito de Inteligência Artificial (IA), assim como sobre o impacto do seu uso na mediação das relações sociais e, sobretudo, no fazer artístico. Muito embora o conceito de Inteligência Artificial esteja há muito presente no nosso vocabulário, sobretudo no campo da ficção científica, apenas recentemente ela tem ocupado um lugar de destaque no noticiário e nas redes sociais. Se por um lado, isso se dá graças aos avanços tecnológicos que tomaram corpo na última década, por outro, esse desenvolvimento da IA só se tornou possível pois vivemos, segundo André Lemos, um processo de virtualização de mundo através do qual estamos constantemente gerando dados através dos nossos dispositivos móveis, smart devices, chats, transações financeiras, etc. Esse conjunto de dados, também conhecido como Big Data, é o que permite que os algoritmos de IA, como Deep Learn, aprendam e desempenhem tarefas ditas complexas como reconhecimento e síntese de imagens. Os artistas têm, portanto, se apropriado dessas novas tecnologias sobretudo para desenvolver sistemas capazes de demonstrar algum tipo de comportamento artístico criativo autônomo, por exemplo, para composição sonora e síntese de imagens. Dentro deste contexto, a interatividade desempenha um papel importante pois se analisarmos, segundo Júlio Plaza, sob a ótica do terceiro grau de abertura a obra de arte eletroeletrônica tira o sujeito da posição passiva de expectador (aquele que espera) para que ele exerça um papel ativo de interagente (aquele que interage) pois, sem ele, a obra não acontece. No entanto, se considerarmos a capacidade de aprendizagem da IA passamos a construir obras que são capazes não apenas de responder ao interagente, mas de se adaptar e aprender com a interação, sugerindo assim uma nova transição de interagente para tutor (aquele que ensina). Por fim, essa mudança no papel daquele que interage com a obra implica que os modelos de interface precisam ser repensados para que ao invés de definirmos os termos da interação puramente do ponto de vista antropocêntrico, pensando em quais dispositivos necessitamos para interagir com a obra, passemos a nos questionar também, do ponto de vista da IA, quais dispositivos a obra necessita para interagir e aprender conosco.

CAMARGO, Denise [Universidade de Brasília]

Da imagem fotográfica às poéticas híbridas e transversais

As últimas décadas têm registrado transformações significativas nos modos de criar e pensar fotografias. Entre a tradição e o experimental, a linguagem fotográfica se constrói como meio e fim para as práticas artísticas contemporâneas. Entre tensões, negociações e estratégias, os artistas que buscam a experiência com “o fotográfico” na interface com a performance, o vídeo, a palavra, entre outras tantas possibilidades, demarcam em suas narrativas uma presença crucial para a os atravessamentos da imagem fotográfica. Nesta apresentação aciono essa condição do dispositivo fotográfico para assimilar o conceito de experiência e fazer emergir saberes ancestrais na pesquisa de criação que considera as poéticas visuais como híbridas e transversais.

CASTRO, Rosana Andréa Costa de [Universidade de Brasília]

A prática docente em artes visuais na educação básica contemporânea

A proposta é apresentar, discutir e trocar experiências sobre as importantes mudanças nas práticas docentes em artes visuais verificadas na educação básica nas últimas décadas e motivadas, entre outros, por dois aspectos: as mudanças nas legislações brasileiras endereçadas à formação de professores; e, as determinações efetivadas pela Base Nacional Curricular Comum sobre os temas e sobre os conteúdos que devem ser tratados nas salas de aulas.

CORREIA, Antenor Ferreira [Universidade de Brasília]

Narrativas Visuais e IoT

As discussões a respeito da inevitável implantação da internet das coisas (IoT) têm polarizado opiniões, incentivado a criação de teorias idealistas ou conspiratórias e motivado prognósticos que apontam para futuros utópicos ou distópicos. O grupo dos utopistas percebem a IoT como a passagem definitiva para um mundo mais cômodo e eficiente. O grupo distópico entende a IoT como a definitiva perda de segurança e da privacidade. Em vista dessa situação, eu trata-

rei da implantação da IoT pela perspectiva artística. Algumas obras de arte, bem como exposições sobre o tema, são analisadas com o objetivo de compreender como os artistas têm participado e se posicionado diante desse contexto. Entendendo que a arte possui não somente capacidades sensibilizadora e mobilizadora, mas pode também de estimular o interesse do público para tópicos variados, e no limiar da consolidação da IoT, a sociedade deve ser motivada a aprofundar seus conhecimentos e participar ativamente das discussões sobre o assunto.

DANZIGER, Leila [Universidade do Estado do Rio de Janeiro]

Armários azuis: gestos, apagamentos, transmissões

Armários azuis faz referência ao móvel em que Marguerite Duras afirma ter esquecido os manuscritos de seu livro “A dor”, publicado em 1985, mas escrito em algum momento incerto após o fim da Segunda Grande Guerra. “Quando teria eu o escrito, em que ano, a que hora do dia, em que casa? Não sei mais nada”, afirma Duras. Mais importante do que a referência a um lugar físico, contudo, chamo Armários azuis um projeto editorial pensado como ação artística. Editar é compreendido no sentido literal de tornar público e comum o que está oculto e privado. Não se trata apenas de editar livros (impressos ou eletrônicos), mas desenvolver ações que lidem com descompassos no tempo, esperas, extravios e esquecimentos, ações editoriais capazes de indexar e propagar documentos e vestígios desviados do futuro.

FERNÁNDEZ, Tatiana [Universidade de Brasília]

Do Olho que Vê ao Olho que Sabe

A apresentação parte do questionamento sobre a pertinência da metodologia de investigação baseada em arte para o contexto universitário latino-americano. Para refletir sobre essa pergunta recorro às ideias Nicholas Mirzoeff sobre aquilo que ele chama de complexos de visualidades e de suas contravisualidades, ou visualidades que são proibidas, invisibilizadas ou negadas. Nessas bases aponto duas implicações da virada da visualidade sobre as metodologias de investigação nas artes visuais no continente: uma é a discussão sobre a concepção de arte

e a outra a concepção de artista. Finalmente observo que a metodologia IBA por si pode conter essas discussões e por tanto constitui uma abordagem com potência descolonizadora com ferramentas que podem responder às necessidades próprias do continente.

GARROSSINI, Daniela Fávoro [Universidade de Brasília]

Contribuições para uma nova interface social: a transversalidade nas pesquisas em Arte, Design, Comunicação e Tecnologia

Busca-se com esta reflexão, ampliar, a partir de uma abordagem transversal, que perpassa a Arte, o Design, a Comunicação e a Tecnologia, não em uma perspectiva centralizadora, mas uma visão que abriga elementos de cada uma das áreas, de forma a integrar e ampliar conceitos rompendo com a unidade sujeito e objeto. A busca é pela contribuição no que tange interface dos sistemas complexos, as relações sociais e os espaços mediados.

JAREMTCHUK, Dária [Universidade de São Paulo]

Experiências compartilhadas: artistas brasileiros vivendo em Nova Iorque

Durante as décadas de 1960 e 1970, o fluxo de artistas visuais brasileiros para Nova Iorque acentuou-se por diversos motivos, desde o exílio artístico às políticas de atração promovidas pelos Estados Unidos. Além das dimensões históricas e políticas compartilhadas por eles na nova cidade, serão também analisados na comunicação os novos debates estéticos que tiveram que enfrentar, a reelaboração de seus processos criativos e as identidades artísticas que precisaram elaborar.

LIMA, Leonardo Souza de [FAAL/Fatec]

Imersão nas imagens tecnológicas: ilusão, percepção, afeto ou devir?

Considerando a diversidade de interpretações acerca da imersão, propõe-se uma breve problematização do termo a partir de pesquisas nos campos da arte,

comunicação e psicologia. Do debate entre essas abordagens, podemos apontar alguns pontos de contato e fricção que nos revelam questões essenciais para a compreensão do fenômeno: a fundamentação sensorial ou psicológica da imersão, as condicionantes do estado imersivo e quais as relações com as interfaces tecnológicas suscitam ou não o estado imersivo. Este debate nos abre espaços para pensar a imersão como um produto de uma relação imediata e intuitiva com a imagem, a qual pode revelar-se devir.

NÓBREGA, Carlos Augusto Moreira da [Universidade Federal do Rio de Janeiro/UnB]

Arte como fenômeno de campo. Entre redes hiperorgânicas e sutis

Partindo do princípio de que a experiência estética contemporânea reflete o entrelaçamento de redes fundamentais que se manifestam com base em suas características orgânicas, telemáticas e sutis e amparada na produção artística do autor, cuja investigação aborda a hibridação sistêmica de organismos naturais e artificiais, esta apresentação irá pensar a construção poética como fenômeno de campo considerando o potencial integrativo, imaterial, não dual de tal modelo na construção de multissensorialidade e conexão.

OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de [Universidade de Brasília]

Atualizações, sobrevivências e contaminações da arte popular: práticas expositivas e curatoriais em instituições museológicas brasileiras

A presente palestra busca compreender e historiar as estratégias expológicas e curatoriais utilizadas na manutenção e na atualização da visibilidade crítica da produção identificada como Arte Popular. Para tanto elencamos um pequeno conjunto de dez mostras realizadas nos últimos 30 anos, que reuniram esta produção a outras obras classificadas em diferentes códigos da história da arte: arte colonial, arte moderna e arte contemporânea. Realizadas por importantes instituições museológicas brasileiras, tais exposições podem ser relacionadas às reflexões sobre as práticas narrativas trans-históricas, dedicadas em reunir objetos e processos de regimes temporais distintos, introduzindo novas possibilidades para a história da arte. Preocupados em pesquisar os discursos propostos

pelas exposições em relação às obras nelas reunidas, ambicionamos compreender como se dá a sobrevivência do “popular”, contaminando e contaminado por outras tipologias artísticas. Mais que um problema classificatório, em hipótese, acreditamos tratar-se do câmbio entre coleções hierarquizadas e processos identitários que reificam o regional e o nacional, ampliando-os para outros de modos de fazer arte. Câmbio que, também, nos permite questionar a própria história das segmentações produzidas pela história da arte do século XX.

ORHTOF, Geraldo [Universidade de Brasília]

Buraco: Talvez se leia sempre no escuro

A pesquisa investiga, a partir da instalação Buraco, ocorrida em Brasília e no Rio de Janeiro, as relações homoeróticas no fluxo das cidades. O projeto parte do conto O Desejo e o Massagista Negro de Tennessee Williams para investigar as relações paradoxais das seguintes duplas: anonimato e vigilância, afetividade e desprezo, projética e acaso. Na construção fraturada das narrativas construídas, os personagens rebatidos da literatura nas artes plásticas, evocam a ideia de um Doppelgänger, lenda germânica de uma entidade, um duplo, que mimetiza e problematiza continuamente o outro espelhado e funda um território movido para que a obra aconteça. O que mais importa é precisamente aquilo que não lá está. Toda imagem tem uma sombra, uma história secreta, um mistério. Esse duplo também conclama o corpo a avançar na escuridão para enrubescer a gravidade dessas fachadas, escarnecer a iluminação dessas vias e blefar seu trânsito com outras trocas. Uma gruta se abre e devora, em pleno dia, a cidade e o sujeito coringa. Procurar as copas numa cidade de paus: um flerte entre o voyeur e o exibicionista um truque ou truço qualquer. Todo porto é uma garganta que nos convoca, descemos essa ladeira como quem lambe o gume de uma espada. Saliva em língua. O jogo é o próprio embaralhar. Desfazer esse leque bem arrumado por cima do qual se espia, desconfiado, aquilo que está do outro lado da mesa. Sempre a pular cercas. Cortar as figuras da corte e espalhar seus ouros retidos. Dar, dar e devorar até que não sobre nenhum monumento apontando céu algum. Nos escombros, finalmente a possibilidade de um contorno possível, rastros fluidos de fluídos a embaralhar uma distopia sem governo, vergonha ou juízo.

PAULA, Douglas de [Universidade Federal de Uberlândia]

Requalificações Estéticas da Imagem Eletrônica na Formulação de Simulacros da Luz como Pontos de Contato entre Espaços Internos e Públicos

Apesar de não ter faltado à revolução informática, desde seu início, o escrutínio da crítica sociofilosófica, o fato é que semelhante escrutínio não parece ter alcançado o contingente populacional ou o senso comum; e, hoje, disso parecem dar testemunho fenômenos como as fake news, o cyberbullying, a síndrome da comparação social ou, sobretudo, a mobilephilia. Muito provavelmente, nesta última, o Capitalismo tenha encontrado sua mais perversa e refinada versão, na consecutiva troca dos tempos de espera que dariam espaço à “solidão” pela “companhia” do smartphone. Douglas de Paula teria encontrado na concepção artística de simulacros da luz a oportunidade de formular convites tanto à reivindicação desses tempos quanto à visão da luz como ente de contato entre espaços internos e espaços públicos e como imanência da imagem eletrônica, numa tentativa de sua requalificação estética.

RODRIGUES, Rachel Vallego [Universidade de São Paulo]

Nostalgia e consagração do modernismo brasileiro na consolidação do mercado de arte nos anos 1970

Diante das comemorações, em 1972, do cinquentenário da Semana de Arte Moderna e observando as principais galerias em atividade e seu papel político-cultural, propomos rever o funcionamento do sistema artístico nacional. Ao conjugar reconhecimento histórico, comercial e político a arte moderna foi nostalgicamente retomada como marco da arte nacional. Assim, procuramos compreender como o crescimento expressivo do mercado de arte na década de 1970, especialmente por meio de leilões, influenciou a consagração do modernismo brasileiro.

SILVA, Nelson Fernando Inocêncio da [Universidade de Brasília]

História da Arte na encruzilhada: arte afro-brasileira como oferenda

O debate acerca dos paradigmas da História da Arte mainstream e a inevitável

superação desse modelo, em prol de abordagens mais plurais que contemplem as alteridades não ocidentais, passa por frequentes adensamentos. É nesse cenário tenso e intenso que se inserem as questões referentes à necessidade de construção de uma historiografia da arte afro-brasileira, no intuito de reverter os danos causados por longos períodos de silenciamento, omissão, apagamento da presença negra no contexto das artes visuais brasileiras. Embora dissertações e teses produzidas com tal intuito sejam, nos bastidores, frequentemente rotuladas de militantes, vale ressaltar que a universidade continua sendo um campo de batalha no tocante às ideias. Seria ingênuo acreditar na isenção do pensamento conservador, sobretudo, quando discutimos os rumos da História da Arte.

SILVA, Ursula Rosa da [Universidade Federal de Pelotas]

Pesquisa, Formação docente e Epistemologias no Ensino da Arte

O Encontro da UnB que comemora os 25 Anos da Pós-Graduação em Artes Visuais, pergunta: “qual o futuro da pesquisa em artes?”. O cenário de desafios que se apresentam, na atualidade, tem nos mostrado um certo afastamento entre a universidade e a sociedade, assim como um movimento de retrocesso de valores, com a decorrente desumanização das ciências sociais e humanas. Nesse sentido, o campo das artes, por meio do ensino da arte na Universidade, da pesquisa e da formação docente, se vê frente à necessidade de encontrar pontes, elos de articulação, de buscar respostas outras para vida e para o conhecimento. É preciso – assim como têm dito alguns pesquisadores latino-americanos nos últimos dez anos – constituir uma epistemologia própria das artes, um modo de propor e de se comprometer estética e eticamente com a transformação social e do cotidiano das pessoas, por meio do reconhecimento de saberes e práticas ditas nossas, brasileiras, latino-americanas. Saber de seu valor cultural e artístico é colocar-se como protagonista, com conceitos próprios no campo do conhecimento; é gerar autonomia de corpos, de espaços, de culturas. A formação docente na Universidade, em seus currículos e práticas, precisa se dispor a tratar de conhecimentos sensíveis, de outras metodologias de ensino e criar outras maneiras de pensar a epistemologia, a estética e o saber em geral.

SOLENDAR, Jorge [Universidade Federal do Rio de Janeiro]

Do estatuto de promessa na Arte Contemporânea em tempos de crise

Em 2016, tive o prazer de traduzir para o português uma provocadora conferência do filósofo Alain Badiou, realizada em Buenos Aires três anos antes. Na conferência intitulada de “As Condições da Arte Contemporânea”, o pensador francês oferece um breve e provocador comentário acerca de inflexões da arte moderna e contemporânea, que culminariam no que o ele chamou por “promessas”.. Vanguardas, desmaterializações e niilismos com as formas artísticas sustentam uma provocadora posição acerca do que fazemos enquanto artistas na realidade que construímos. Partindo então da urgência de sua fala, a presente comunicação visa discutir filosoficamente o estatuto de “promessa” para Badiou, e como podemos repensá-la hoje diante das crises do pensamento e dos afetos em sociedade. O nosso título também presta uma homenagem ao célebre artigo de Rosalind Deutsche chamado “Da arte de ser testemunha em tempos de guerra” (2008).

TAMAYO, Yana [NAVE; CCBB/DF]

Horizonte de práticas híbridas: entre criação, edição, colaboração e educação

Práticas artísticas, curatoriais e educativas: como essas práticas podem relacionar-se dentro de um mesmo campo? Podem chegar a fazer parte de um mesmo corpo de trabalho? Em que momento o pensamento no ateliê de artista deixa de ser uma ação privada para tornar-se pública? A partir dessa provocação e da apresentação de uma trajetória pessoal pretende-se abordar algumas formas de se pensar a dimensão pública do objeto de arte.

VAZ, Tamiris [Universidade Federal de Uberlândia]

Como livrar-se do professor de arte: aprendizagens em devir na invenção da docência

Identificam e classificam conteúdos, informações, métodos. Julgam competências por diplomas, certificados, publicações. A partir daí já não há saída, tem-se um(a) professor(a). Mas antes de fixarmos no corpo todas as fórmulas do ensinar, ainda estamos a salvo. Aproveitemos para nos refugiar em aprendizagens

-potência, produtoras de energia para o deslocamento. Aprender pela vontade de estar juntos, de compartilhar (e criar) tempo de produção coletiva. Aprender como invenção de possibilidades outras de saber. Aprender-se docente disparador(a) de perceptos e afectos geradores de mundos porvir.

WASHINGTON, Claudia [Universidade de Brasília]

Porvires do Rasgo: passagens e outros corpos

A pesquisa Rasgo: a arte de engendrar espaços tem como seu principal fundamento a prática artística. Realizamos ações que partem de um movimento físico, do olhar, do caminhar, do transportar, do mover, para rasgar conceitos e espaços enredados. Esse princípio abarca o movimento de rompimento com a clausura simbólica da arte em direção à ampliação dos seus campos de atuação. Em um de seus resultados adentramos a uma experiência multidisciplinar relacionada à saúde coletiva no contexto acadêmico, fato que nos levou às reflexões sobre a natureza e os objetivos desses campos, seus pontos de encontro e os distanciamentos. Essa experiência, evidencia o impulso libertário, o posicionamento no campo dos embates e os sentidos coletivos da arte como hipótese de um porvir da prática artística na pesquisa universitária.

ALCÂNTARA, Maria Eugênia Rodrigues [UnB]; ALMEIDA, Taís Aragão de [UnB]

Insiders e Outsiders: entre o Desvio e a Mercantilização da Arte Urbana em Brasília

A Arte Urbana, linguagem plurissígnica e interdisciplinar, se prolifera massivamente no meio urbano, como registro comunicativo e artístico da teia social a que está inserida, gerando inúmeras camadas interpretativas sobre o habitar, transitar e pertencer à cidade. Os escritos urbanos, como qualquer outro elemento simbólico e cultural, é constantemente ressignificado pelos seus agentes, como também pelo grupo que participa e interage – na posição de observador ou pesquisador – para ampliar a discussão sobre a complexidade desta temática. Os processos históricos, geográficos, políticos, sociais e arquitetônicos de Brasília interferem significativamente nas intervenções urbanas, bem como as intervenções interferem nesses aspectos. Ao se estabelecer ramificações de estilos, técnicas e processos criativos variados da arte urbana, surgem hierarquias desses estilos, em geral provenientes de estratégias dos próprios artistas ou por determinações, por exemplo, da mídia e de instituições que legitimam a prática de determinado estilo. Percebe-se, entretanto, a coexistência de dois perfis de artistas relevantes para se compreender o contexto da arte urbana na contemporaneidade em Brasília: o primeiro perfil é identificado na primeira geração de pixadores e grafiteiros da cidade, caracterizados geralmente por jovens periféricos, moradores das cidades satélites. Marcam e rabiscam anonimamente o espaço, a fim de protestar, transgredir as regras estabelecidas pelo governo e denunciar sinais das desigualdades de acesso e exclusão a que foram acometidos; ao mesmo tempo que registram ilegalmente a vontade de pertencerem e de serem vistos no espaço. O segundo perfil é caracterizado pelas gerações de arte urbana mais contemporâneas: jovens de classes mais abastadas, geralmente com formação acadêmica, tratando-se geralmente de artistas visuais e designers. Pelo fato de a linguagem ser próxima às técnicas tradicionais do mercado da arte – tais como a pintura e o desenho –, os trabalhos dessas gerações se aderem com facilidade ao mercado capitalista e aos espaços institucionalizados da arte, ganhando visibilidade em galerias, museus e espaços de prestígio. O presente trabalho propõe observar e contrapor esses dois perfis de artistas urbanos e, conseqüentemente, levantar as problemáticas intrínsecas às gerações, a partir dos conceitos de Desvio e Mercantilização pela Diferença.

ALVARENGA, José Lucas de Deus [UnB]

O gerente ficou maluco e outras intervenções artístico-políticas no cotidiano

Tomando como ponto de partida as experiências de *O Gerente ficou maluco*, série de intervenções produzida entre 2016 e 2018, busco aqui relacionar este trabalho a outras obras de arte realizadas diretamente no cotidiano do espectador, fora de lugares expositivos tradicionais, e que dialogam com o contexto sócio-político do lugar no qual a obra se insere. *O gerente ficou maluco* é uma série realizada dentro de supermercados, onde eu modifico placas de oferta e etiquetas de preço dos produtos, trocando informações comuns por valores absurdos e produtos incoerentes. Com essas ações, pretendo provocar pequenos e sutis curtos-circuitos nesses ambientes a fim de atingir sorrateiramente a percepção do espectador-consumidor, causando-lhes ligeiro estranhamento em um momento banal da vida cotidiana: a hora de fazer compras. No lugar de textos clichês que são encontrados em placas de supermercado, como “OFERTA” e “PROMOÇÃO”, eu insiro placas com dizeres como “LIQUIDAÇÃO: DOS DIREITOS HUMANOS”, “DESCONTO: DOS SEUS BENEFÍCIOS”, “OFERTA: BRASIL R\$ 1,99 O KILO”, entre outros. Na obra *Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Coca-Cola* (1970), de Cildo Meireles, o artista insere objetos de arte entre produtos industriais: a obra consiste em coletar garrafas retornáveis de Coca-Cola, escrever nelas mensagens subversivas com teor político e devolvê-las à circulação. Para o pesquisador Artur Freitas, esta obra “não é exatamente um objeto com margens precisas, mas uma proposta de ação, uma estratégia pragmática bastante simples”. Entre as mensagens escritas nas garrafas está *Yankees, go home!*, o que demonstra a camada política do trabalho, que questiona os “sistemas de circulação da sociedade capitalista, uma exposição das vísceras, ou melhor, das contradições de nossos sistemas de valores e referências simbólicas”, segundo Freitas. O Coletivo Poro, dupla formada pelos artistas mineiros Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada!, realiza intervenções e ações urbanas utilizando meios de comunicação como panfletos e faixas como principal matéria prima. Nas *Faixas de anti-sinalização* (2009), o coletivo instala na rua faixas com textos como: “Enterre sua TV” e “Perca tempo”, entre outras que questionam algumas características dos centros urbanos, como eles discutem em seu Manifesto: “a cidade construída a partir de uma lógica funcionalista mecaniza a vida, sem deixar espaço para a construção criativa de um imaginário livre”.

ALVES, Lorena Ferreira [UnB]

Artveillance: o olhar apocalíptico sobre o futuro da evolução tecnológica

A demanda por inovação tecnológica parte de ideais de desenvolvimento econômico e social de acordo com necessidades e valores de cada país. Empresas, Universidades, dentre outras instituições públicas e privadas, criam iniciativas de apoio a projetos de inovação, onde se busca a implementação da tecnologia em diversificadas situações. Tecnologias de informação, como Machines Learning e Deep Learning, que prosperaram dos estudos oriundos da Inteligência Artificial, e que estão sendo aplicadas em nossos meios de comunicação, transporte e segurança, surgiram de espaços de inovação e centros de pesquisas que oferecem financiamento de projetos inovadores, espaços esses que são capazes de se ampliar para Parques Tecnológicos, e se tornarem até mesmo cidades, como por exemplo, o Vale do Silício. Os resultados de pesquisas de inovação produzidos nestes espaços dizem sobre nosso futuro, e são discutidos por artistas e pesquisadores no campo da arte e tecnologia, que avaliam os valores dos quais as implementações tecnológicas estão baseadas, bem como suas consequências, sejam elas no campo econômico, social e cultural. A reflexão sobre o sucesso ou não das implementações das inovações tecnológicas que estão surgindo é questionado enquanto sua atuação no desenvolvimento humano, e como este progresso é capaz de ditar as condições de nossas vidas atuais e futuras. Para realizar o desdobramento da reflexão sobre olhar da evolução tecnológica no campo da arte e tecnologia, toma-se de empréstimo o conceito “apocalíptico”, que advém da obra Apocalípticos e Integrados de Umberto Eco, acerca dos teóricos que criticavam negativamente os meios de comunicação de massa, afirmando suas consequências apocalípticas para a cultura, bem como a palavra em seu sentido epistemológico, que significa a degradação e o fim dos tempos. Este olhar apocalíptico sobre evolução tecnológica se desenrola através do estudo da artveillance (arte e vigilância), fundamentado em obras que abordam questões de vigilância de dados e sua mercantilização, pós-verdade, perda de privacidade e consequências de alienação social, que se tornaram possíveis devido às inovações tecnológicas de nossa era.

ANDRAUS, Gazy [UFG]

Fanzines e sua arte - um patrimônio paratópico libertário-social

Há alguns produtos e conceitos criados ao longo das jornadas das sociedades, que não são absorvidas oficialmente pelas respectivas culturas. Porém, paratopicamente (em paralelo à existência de outros produtos), surgem, se espalham e passam a participar das vidas das pessoas, recriando a si mesmos (como objetos) e como conceitos. São, por exemplo, os Fanzines, ou zines, mutantes que na atualidade começam a ser percebidos pelo meio educacional e acadêmico e quase que “sorratamente” vão se entronizando e se fazendo visíveis às sociedades que pensam ter padrões estanques conservando suas benesses. É assim que este trabalho quer apresentar os atuais zines, que em um ramo de si, agora se portam como revistas/livros/objetos de arte igualmente, sendo denominados no Brasil de Artzines (ou Art-zines, no exterior). Sua origem neologista inglesa denota uma possibilidade de entendimento universal (contração dos termos fan, mais magazine), adotada no mundo todo, e hodiernamente escusada como um libelo criativo e fraternal (pois sua criação, autoral e artística não prescindem de lucro ou demanda comercial), bastando apenas a seu(s) idealizador(es) que exponha(m) suas idéias, conceitos, expressividades artísticas e/ou críticas e as esparjam via correios, eventos (feiras) e internet (redes sociais, pdf). Fanzines ou zines (ou Artzines) são, assim, revistas manufaturadas, criadas em 1930 por fãs da literatura de ficção científica (FC) nos Estados Unidos, inicialmente como boletins via mimeógrafo, posteriormente via fotocopiadoras e impressoras, espalhando-se a partir das décadas de 1960/70 como expressões artísticas, ampliando temas como Histórias em Quadrinhos (HQ), músicas (principalmente rock e punk), anarquia, cinema, biografia, poesias etc. Sempre à margem das publicações ditas oficiais, os paratópicos fanzines ora se modificam apresentando-se também como revistas sui generis de artes, conforme dito, denominados de zines no Brasil, ou art-zines no exterior, aumentando os espaços nacionais e mundiais dedicados a eles, como as fanzinotecas e eventos outros, plenos de potencial a serem geridos e melhor reconhecidos, fazendo parte das sociedades, ainda que elas não tenham ciência de tal existência patrimonial e paratópico-vital zineira como libelo de livre promoção de idéias e artes.

CASTRO, Clarissa Coelho de [UnB]

A Ficção como poética: a invenção do artista como estratégia

A presente comunicação aborda a ficção como poética que se constitui a partir da criação de um personagem pelo artista. A poética ficcional é percebida aqui como uma estratégia que simula os agentes convencionais para proporcionar a discussão de questões pertinentes ao sistema da arte. Para a concepção do processo ficcional, o artista se apropria de uma parte do poder institucional e elabora sua poética centrada na invenção de personagens referenciais desse sistema. Assim, com uma nova abordagem de permutas entre os elementos e agentes, as obras ficcionais se dissolvem no seio das instituições como ações e situações ordinárias que, quando reelaboradas pelo artista, afetam o circuito exatamente por agir no interior do mesmo. O personagem ficcional apresenta contornos precisos traçados pelo artista, que arquiteta sua biografia, relações sociais e produção artística. Dentre outros elementos que o constroem, o artista implanta informações que são relacionadas ao personagem, configura o passado, manipula a história e a documentação. Dessa forma, o artista desenha uma linha de coerência para a existência do personagem, tornando a invenção lógica e coesa aos olhos do observador para que as relações trazidas pelo personagem fictício conduzam a novas possibilidades de sentidos no interior do sistema instituído. Logo, essa comunicação busca entender como a poética ficcional contamina e perturba o sistema a partir dos trabalhos de quatro artistas que pautam a invenção do personagem ficcional como estratégia. Pierre Lapalu cria o curador Pierre Menard, Marilá Dardot e Matheus Rocha Pitta produzem a colecionadora Duda Miranda e Yuri Firmeza inventa o artista Souzousareta Geijutsuka. Os trabalhos escolhidos contemplam três categorias existentes e legítimas, nenhuma delas escolhida aleatoriamente, o ofício de cada um já diz muito sobre onde o artista quer chegar e qual caminho vai percorrer neste processo. A partir deste conjunto, pontos de observação foram traçados com o objetivo de compreender como o processo ficcional desenvolvido a partir da criação de personagens articula a linguagem própria do sistema que mimetiza para discutir questões pertinentes a uma realidade crítica que revela a arbitrariedade do sistema que o artista integra e compreende, a ponto de dispor das suas próprias ferramentas para torná-lo vulnerável.

CORDEIRO, Renato Medeiros [UnB]

Três Plataformas Para Se Pensar a Descoberta Futura da Arte Digital

O trabalho apresenta o histórico, os modos de funcionamento e o potencial de aplicabilidade das plataformas digitais Wayback Machine, Webrecorder e Wikidata no que diz respeito às possibilidades de formação de acervos e de acesso a expressões artísticas produzidas, armazenadas, apresentadas e difundidas em formato digital, por meio de sua circulação em rede via internet. De início, aponta-se a instabilidade e a aparente vida curta dos conteúdos disponibilizados na internet como um problema que tem se propagado ao longo dos anos, apesar da atual ampla capacidade de processamento e arquivamento de dados. Em menos de 30 anos, as possibilidades de acesso a conteúdos antigos na rede ainda se mostram limitadas e os apagamentos de vivências mediadas pelas tecnologias digitais são constantes, desafiando as práticas usuais de conservação e restauro adotadas pelas instituições da memória, como os museus, os arquivos e as bibliotecas. Após um breve posicionamento sobre como este trabalho entende a arte digital no vasto contexto das poéticas tecnológicas, destaca-se o caráter transicional e pervasivo de alguns tipos de obras artísticas digitais e como as plataformas estudadas podem lidar com essas especificidades. O texto é fundamentado principalmente pela perspectiva da pesquisadora Annet Dekker, que entende o Wayback Machine como uma ferramenta insuficiente para análises históricas ou preservação de uma obra de arte, sobretudo por disponibilizar apenas recortes parciais de websites capturados em diferentes períodos. Em seguida, a abordagem ao Webrecorder revela que, embora a plataforma consiga realizar a captura contextual de um conteúdo na rede – incluindo possíveis comentários e outras interações com o material –, os aspectos transicionais de uma obra de arte digital podem se perder, interferindo em suas potencialidades poéticas. Por último, apresenta-se a Wikidata, uma plataforma criada para gerenciar dados não estruturados que já estão presentes na web, se propondo a contextualizá-los respeitando a complexidade de suas especificidades. Ao refletir sobre a criação de uma plataforma semelhante que permita vínculos semânticos entre trabalhos artísticos digitais na rede, entende-se a necessidade de um modelo de governança que, conseqüentemente, instaure um espaço de poder. Sugere-se, por fim, que a constituição de um possível acervo de arte digital nessas condições requer responsabilidade social e atenção quanto aos critérios adotados pelos atores envolvidos

CORREA, Carolina Cerqueira [UFJF]

A Morte Simbólica do Africano Escravizado, o Embranquecer e o Enegrecer

A escravidão é um domínio altamente simbólico da experiência humana e foi uma instituição que durou mais de três séculos no Brasil. Existem alguns fatores que tornam difícil compreender as relações provenientes desse sistema de servidão. Podemos nos perguntar: como as pessoas poderiam ser levadas a aceitar tal injustiça social? Como esta tradição de séculos se entranhou nos espíritos? A escravidão é uma relação extrema de dominação, onde o mestre tem total poder e ao escravizado sobra total impotência. Se há o desejo de responder as questões acima, devemos tentar compreender como funciona o conceito de poder e os componentes simbólicos existentes nesse vínculo de subjugação. Segundo o sociólogo jamaicano Orlando Patterson, existem três facetas envolvendo as relações de poder. A primeira abrange o uso ou a ameaça de violência física. A segunda é a capacidade ou a habilidade de persuadir outra pessoa e, por fim, a terceira é a faceta cultural de autoridade, que transforma força em direito e obediência em dever. Em uma sociedade escravocrata, existe sempre a necessidade de transformar novos homens livres em cativos. Dessa forma, é necessário manter esses três atributos combinados, criando um estado de violência contínua que perpetua e mantém a dominação. Um dos traços da impotência do escravo vem do fato de a escravidão ser a opção substitutiva para a morte, muitas vezes brutal. Corroborando a violência física e sustentando a permuta entre liberdade e vida, está o campo simbólico. A comunicação buscará pensar a experiência da morte simbólica do africano escravizado e o renascimento também simbólico presente em obras de arte. Articulará o campo simbólico presente no processo de escravização apresentado por Orlando Patterson a partir da pintura do pintor espanhol Modesto Brocos *A Redenção de Cam*, de 1895, e pelos vídeos do artista Paulo Nazareth *L'Arbre D'Oublier*, de 2013, e *Ipê Amarelo*, de 2012/2013. As obras de arte analisadas apresentam, de formas distintas, a possibilidade da liberdade no abandono da marca visível da servidão, que, no caso da escravidão africana, é o fenótipo marcado, não apenas, mas principalmente, pela cor da pele – Brocos pelo embranquecimento e Nazareth pelo enegrecimento.

FERNANDES, Priscilla Mont-Serrat Pimentel [UFPe];

SILVA, Ursula Rosa da [UFPe]

Colhendo imagens: as representações das maternidades na América Latina no século XX

Este trabalho tem por objetivo investigar as imagens do circuito de arte que representavam as mulheres e, principalmente, as figuras maternas na América Latina no século XX. Este estudo encontra-se em fase inicial enquanto uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (PPGAV/UFPe). Estando vinculado ao Grupo de Pesquisa Caixa de Pandora: Estudo sobre Arte, Gênero e Memória. Sendo assim, esta pesquisa inicia-se com a justificativa de ampliar os repertórios de visualidades e artistas da América Latina. A qual obtém como foco perceber como se constituem as narrativas, os imaginários e os discursos frente aos arquétipos das maternidades nas visualidades deste tempo/espço. Portanto, inicia-se um processo de coleta de imagens em dois livros das críticas e historiadoras de arte Aracy Amaral e Josephine Dawn Adès. Também, articulamos nossas pesquisas com os autores argentinos Alberto Manguel e Néstor García Canclini havendo contribuições destes para se pensar a leitura de imagens e a cultura. Nossa metodologia tem como referência o crítico e historiador de arte Aby Warburg, em específico o seu projeto do Atlas Mnemosyne. A partir desses estudos criamos uma prancha de imagens na tentativa de traçar algumas características nas obras escolhidas. Logo, somos tomadas por inquietações sobre como são representadas as maternidades na América Latina e como esses estereótipos continuam sendo reproduzidos no século XXI. Este estudo torna-se fundamental por se encontrar com um Grupo de Pesquisa que tem a presença de mães/criadoras/responsáveis. E a medida que vamos (des)construindo os arquétipos, criamos poéticas que trazem uma visibilidade de uma mulher vista por si mesmo - em que se é protagonista de sua própria história e traz outras narrativas. Esse tem sido um desafio e constante exercício para o coletivo, pensamos a maternidade que vivemos mas principalmente em como somos constantemente abaladas por uma narrativa hegemônica sobre a maternidade. Quando nos atentamos para essas imagens conseguimos nos conectar a uma temática que possui um grande campo de estudo e que conecta a possibilidades de ser vista e nos possibilitando criações de novas poéticas.

FERREIRA JÚNIOR, Antonio Herci [USP]; Edson Leite [USP]

Iconografia Musical. Relações entre Música e Artes Visuais, Uma Abordagem Transversal

Trata-se aqui de uma reflexão sobre a interpretação da representação da música nas várias expressões do decorrer da história das artes visuais, identificando ícones e símbolos, referências literárias e documentais e representações da prática cotidiana e cerimonial. Essa forma de abordagem tem aplicação tanto na ampliação do repertório interpretativo, quanto na recuperação de hábitos, design dos instrumentos, partituras retratadas e formações musicais. A ideia está sendo concretizada através de disciplina de Graduação que estreia no MAC/USP (Museu de Arte Contemporânea) no segundo semestre de 2019 e aproveitamos para compartilhar algumas questões sobre o tema. A interpretação transversal das relações de representação, retratação ou referencialidade da música na pintura, apresentam duas tradições que costumam citar-se e integrar-se artisticamente, mas mantém cada uma delas uma historiografia relativamente independente. A transversalidade historiográfica entre as disciplinas permite uma contextualização da obra segundo sua própria temporalidade, pois a coloca concorrente com formas diferentes de expressividade artística dessa forma de vida de uma época qualquer. Estabelece um jogo de linguagem entre as teorias estéticas de sua própria contemporaneidade (da obra) pois além de citar a música ou sua prática, cita também sua organização e teoria, revelando partituras ou formações, hierarquias e modos de execução, que nos abre o campo da investigação da organização do próprio conhecimento como escolas, universidades, movimentos ou estilos. Por fim, mas não menos importante, situa a estética e a prática cultural em seus lugares sociais, revelando determinadas formas de fruição próprias a cada organização do tecido social. Além disso, abre uma perspectiva de análise da construção discursiva e retórica da obra de arte visual, articulando elementos de ligação e composição técnicos, formais ou estilísticos com a construção do sentido ideal ou normativo da referência e representação da música, independentemente de ser figurativa ou abstrata, pois o que se investiga é a construção do sentido e não propriamente a estrutura ou técnica que lhe dá suporte. As aulas são amplamente ilustradas com coleção de imagens compiladas de diversas épocas — desde a antiguidade clássica até os dias atuais — e a abordagem das artes visuais tentará abarcar alguns dos seus “campos expandidos”, como as esculturas sonoras, performances e videoarte.

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro [UnB]

Arte na Universidade: entre pesquisa narrativa, autobiografia e artes visuais

A proposta contempla reflexões sobre a pesquisa em Arte na universidade a partir de um olhar particular que considera os interesses e o desenvolvimento de um projeto de pesquisa inserido no contexto da educação em artes visuais. Pautado nesse interesse, o texto acentua a dialogicidade entre pesquisa narrativa, autobiografia e artes visuais com ênfase nos aspectos das histórias de vida. Acredito na pesquisa em Arte na universidade como um espaço propositivo e dialógico, que amplia as interfaces teóricas e metodológicas, promovendo interações entre diferentes campos do conhecimento. Nesse aspecto, minha intenção reside em trazer o campo da pesquisa narrativa e da autobiografia como subsídio ao desenvolvimento de questões relacionadas com o processo do ensino, da formação e da atuação em artes visuais. Amparado inicialmente por essa ancoragem, o escopo do projeto de pesquisa amplia-se, sobretudo, ao considerar outras aberturas relacionadas com a narrativa de si, a arqueologia de si, a escrita de si, os memoriais de formação acadêmica, as trajetórias de professores e artistas, assim como, a dimensão da memória e da experiência. Nesse conjunto propositivo que leva em conta os diferentes sujeitos da ação e sua vivência particular, o repertório da pesquisa está pautado pelo viés teórico e metodológico, no intuito de refletir sobre o (re)conhecimento e a representação desses sujeitos perante a vida e a si mesmo. Vale salientar que o movimento de (re)conhecimento de si, provocado pelos atravessamentos estéticos no contexto de vida dos sujeitos, permite identificar elementos importantes que tangenciam os processos de formação docente. Essa abertura pelo viés teórico e metodológico pressupõe dar visibilidade tanto para o contexto de escolarização, formação, autoformação e atuação vivenciado pelos sujeitos no campo do ensino das artes visuais como para aspectos que circundam o universo de uma poética pessoal. Tal prerrogativa parte, anteriormente, da experiência vivenciada em uma tese de doutorado, cujo fundamento teórico e metodológico serviu de embasamento para promover ponderações acerca de um movimento que priorizou tanto o sujeito, suas vivências, experiências e questões pessoais quanto o processo de formação e autoformação que permeou determinadas temporalidades de uma história de vida.

GOMIDES, Lana de Araújo [UFG]

Arte + ativismo: como as rupturas defloram novos caminhos investigativos?

A arte como campo de pesquisa ainda é observada com estranheza por diferentes áreas científicas, bem como pela sociedade em geral. Parece mais confortável percebê-la como instrumento de dominação do que como um exercício de liberdade. Mas, qual seria a diferença entre ambas as posições? No primeiro caso, partes hegemônicas do poder determinam o que pode fazer parte do cânone de forma com que haja uma boa parcela de aceitação por parte do público. Já a segunda percepção entrega um fluxo de consciência para que artistas-pesquisadores, arte-educadores, teóricos e historiadores da arte questionem padrões e derrubem limites impostos pela hegemonia que possam sufocar a expressão artística, seja esta através da dança, da pintura, do teatro, da fotografia, entre outras. Todas elas possuem nuances que possibilitam uma investigação crítica e criativa reconfigurando as relações entre teoria e prática. No entanto, ao mesmo tempo em que os métodos de pesquisa do campo não são percebidos à primeira vista, os investigadores não comunicam de maneira adequada os resultados de suas buscas, uma vez que acreditam que as imagens (e visualidades) podem falar por si mesmas. A partir dessa perspectiva, esta escrita propõe repensar os caminhos de investigação no campo da arte através do ativismo, termo que designa o movimento promovido por artistas com o intuito de estabelecer militâncias a partir de questões políticas, ecológicas, sociais, entre outras, “não só para despertar, educar e inspirar, mas também para provocar, resistir e perturbar”, segundo Eve Ensler. O recorte desta busca está concentrado nas discussões de gênero e sexualidades ancorados em contravisualidades produzidas por artistas que subvertem as noções hegemônicas depositadas sobre o corpo feminino. Uma vez que a perspectiva feminista de investigação tem sido fundamental para questionar a posição dos pesquisadores que ‘fazem falar’ sobre a realidade ao invés de permitir que a realidade fale por si mesma, como a reivindicação por meio da arte pode deflorar caminhos investigativos e trazer novas perspectivas para o campo?

LACERDA, Pedro Emmanuel Assis Lara [UnB]

Passeios em desencanto: considerações sobre fotografia, flânerie

e espaço expositivo

A presente pesquisa explora os processos de produção de “Passeios em desencanto”, um trabalho de fotografia que se encontra na fronteira com a instalação. Nas fotos que compõem a série, vemos registros de diferentes cidades que ressaltam questões em torno do espaço urbano, da decadência e da aleatoriedade dos encontros com essas cenas. As fotos da série se constituem como uma reunião de imagens produzidas em diferentes câmeras analógicas. Busco nesse apreço ao dispositivo arcaico uma possibilidade de diálogo entre o assunto que compõe a cena e o modo que me deparo com ele; noções em torno do caos urbano e o processo impessoal da fotografia. Aqui, a prática fotográfica se constitui como uma deriva urbana que depara com o intocável e indecifrável. Enxergo o ato fotográfico como uma forma de participar (e não intervir) em relação ao que está acontecendo. Embora as cenas fotografadas sejam variadas, é possível encontrar algo em comum a todas elas: um traço da presença humana que se apresenta pelo seu vestígio, a ausência da presença. Quando o trabalho é montado, desenvolve-se uma ação expográfica que consiste em romper com as estruturas comuns da fotografia contemporânea — molduras, impressões em papel fine art, plástico bolha, suportes de madeira, etc.) — fragmentando-as e entendendo a fotografia como objeto vivo, parasita, que contamina o espaço. As paredes são entendidas como uma página em branco a ser preenchida de acordo com as qualidades espaciais de cada situação. Por vezes, as fotos são dispostas no chão ou então combinadas com outras pelas paredes. Cria-se um conjunto mutável, um trabalho que pretende alcançar a realidade ao compreender o papel, a moldura e a parede como dispositivos que constroem significados. No texto, estabelece-se um diálogo em torno da temática fotográfica e configuração expográfica com base em três eixos: a fotografia enquanto metodologia de produção, a flânerie (caminhadas) como proposta de deambulação urbana e a expografia do trabalho como uma extensão dos processos fotográficos. Desenvolve-se um diálogo com os estudos desenvolvidos por autores como Charles Baudelaire, Walter Benjamin, Francesco Careri e Nelson Brissac Peixoto em torno da cidade e flânerie, ao passo que autores como Susan Sontag, Philippe Dubois, André Rouillé e Roland Barthes contribuem para a discussão no que corresponde às questões em torno da fotografia. Demais autores como Brian O’Doherty e Rosalind Krauss auxiliam no que corresponde ao espaço expositivo.

LIMA, Pedro Ernesto Freitas [UnB]

Camila Soato não chuta cachorro morto

O incômodo provocado pelas pinturas de Camila Soato não se restringe às representações desconcertantes de cenas escatológicas, carregadas de violência e erotismo. O modo como a artista se relaciona com a pintura enquanto cânone, com as tensões entre circuitos artísticos hegemônicos e ex-cêntricos e com o mercado nos leva a perceber uma dimensão branda de crítica institucional em seu trabalho. Segundo a própria artista, suas pinturas partem de uma poética da “fuleragem”. Sobre um fundo aparentemente neutro, Soato aproxima personagens humanos, cenas de coito animal, ícones da mídia e da cultura de massa e outros fragmentos de imagens, sem respeitar normas tradicionais de escala e perspectiva entre eles. Por afinidade ou contraste, a artista explora nesses conjuntos de imagens as dimensões do banal, do obsceno e do escatológico. Dados biográficos e o modo de circulação da artista, tanto por circuitos considerados “periféricos” quanto por espaços considerados “centrais”, no que diz respeito à legitimação da produção artística do país, configuram problemas e tensões que são fundamentais para a discussão do seu trabalho. Entendemos que, para essa discussão, é possível aproximar seu trabalho de certo tipo de prática relacionada à “crítica institucional”. Trabalhos artísticos compreendidos a partir da ideia da “crítica institucional” variam em termos de grau de periculosidade, digamos assim, apresentado às instituições artísticas. Entre práticas radicais e brandas, são trabalhos tão diversos como os seus alvos: instituições como o museu, a crítica, a história da arte, o mercado, o colecionismo, e atributos relacionados a eles, como o racismo, a misoginia, o elitismo, entre outros. Pretendemos aqui abordar o trabalho da artista Camila Soato a partir da perspectiva de uma crítica institucional branda. Discutiremos como seu trabalho, ao tensionar questões relativas à cânones da História da Arte, à circulação institucional e ao mercado, se aproxima e, ao mesmo tempo, mantém especificidades em relação à chamada “crítica institucional”. Para isso, realizaremos uma análise de seu trabalho, a partir do estudo de obras e de visita ao ateliê da artista, à luz de uma breve discussão sobre a “crítica institucional” enquanto uma tradição na arte contemporânea e suas implicações em circuitos “ex-cêntricos”.

MACHADO, Claudete Nascimento [Unifap]

O corpo nas artes visuais: perspectiva de colonial – projeto performance na universidade

O artigo é resultado de investigação sobre o uso do corpo nas artes visuais numa perspectiva decolonial, a partir dos estudos da performance art, tendo como delimitação do objeto de pesquisa o projeto “Performance na Universidade”, com doze anos de ações e pesquisas, criado em 2007 no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá, e que vem sendo realizado uma vez por ano de forma ininterrupta desde 2007 até 2019. Haja vista que o projeto “Performance na Universidade” é um dos recursos metodológicos do ensino na disciplina de Expressões e Linguagens Visuais 4, em cuja disciplina a performance nas artes visuais se constitui como foco da ementa estudada na universidade. Assim, o projeto é realizado a fim de pesquisa em arte no ensino de graduação na licenciatura, e sua extensão social se faz através da criação de sub-projetos de criação artística nos quais a performance art se constitui como arte contemporânea na perspectiva decolonial. Experimentações poéticas e estudo do uso do corpo nas pesquisas em artes visuais culminam com o evento denominado “Performance na Universidade”, que a cada ano (etapa de estudo) encerra com ações de performances, happening, vídeo-performance, intervenções urbanas, debates com os alunos produtores em arte, tanto na Universidade Federal do Amapá quanto nos demais espaços da cidade de Macapá. Portanto, a pesquisa se constitui enquanto estudo de caso e enquanto método qualitativo, através de projetos de pesquisa em arte, relatórios de estudos, registros fotográficos, vídeos, registros de ações e intervenções públicas nas redes sociais, tendo como delimitação os doze anos de ações do projeto “Performance na Universidade”, trabalhando de forma indissociada a pesquisa enquanto produção de conhecimento teórico, as práticas de experimentações artísticas com o uso do corpo como suporte na arte, as linguagens artísticas contemporâneas na perspectiva de um processo decolonizante, e também, enquanto forma de representação e/ou, de apresentação artística em linguagens visuais. Nesse processo, o projeto “Performance na Universidade” se constitui como espaço e locum da pesquisa dentro da tríade: pesquisa, ensino e extensão, de forma indissociável, apresentando resultados significativos para a disciplina de performance nas artes visuais, para o estudo da História da Arte amapaense e, consecutivamente, para o ensino da arte contemporânea.

MARQUES, Daniela Alves [UFG]

Atlas, um guia de navegação às afluições pictóricas da Heroína Chique

Neste trabalho, me proponho a discutir, sob uma perspectiva da Cultura Visual, o processo de construção do estilo visual conhecido por Heroína Chique e como as imagens situadas sob essa alcunha orientavam-se sob a premissa de uma representação mais realista para moda. Com fotos de aparência documental, exibindo modelos em condições decadentes, as imagens desse estilo alcançaram destaque na moda em meados da década de 1990. Quem viveu o fim do século XX, viu ebulir no mundo uma série de transformações importantes, a citar: fragmentação social crescente, início de uma popularização mundial da internet, crises econômicas, contínua disseminação epidêmica da AIDS, fim da separação da comunidade global por mundos capitalista-socialista etc, condições comumente associadas à instalação coletiva de um olhar desconfiado, pessimista e desesperançoso em relação ao futuro. No intuito de investigar de que maneira essas circunstâncias estão associadas à instauração de um novo modo de ver, cujos desdobramentos para a moda estão associados à representação de corpos e cenários tidos como 'abjetos', produzo um mapeamento do repertório imagético de onde as imagens da Heroína Chique podem ter afluído. Utilizando como ferramenta metodológica central o Atlas Mnemosyne, um mapa visual que coloca em confronto uma série de referências imagéticas - artísticas, midiáticas, documentais - situadas cronologicamente em tempos diversos, procuro entender quais sobrevivências pictóricas são observáveis nas fotografias dessa estética de moda e como contribuem à composição de uma identidade visual singular que as caracteriza como Heroína Chique.

MARTINS, Vítor de Souza Pereira [UFRJ]

As Utopias da Caixa Preta

Toda utopia guarda uma imagem e toda imagem guarda uma utopia. Não uma utopia do impossível, do nunca conseguir alcançar, do fracasso. Mas uma utopia do continuar, do caminhar, como terrenos da imaginação, como meios de ativação dos espaços, dos invisíveis. Ativar arte por meio do aparelho fotográfico é uma tentativa de preencher, de ocupar o vazio. Há algo que fica de fora do enquadramento, que se tornar secreto, e há algo que fica dentro, mesmo que

não se revele por completo. Se a imagem é um testemunho, um “estive aqui”, ou “vi (transformei) isso”, a intervenção do fotógrafo se posta com uma maneira de acesso ao lugar do tremor, de mexer com sua ordem, dos fins imagéticos esperados. Me posicionando como um artista-pesquisador, na visão de um fazedor de imagens tentando criar e moldar pensamento, a proposta de comunicação é apresentar as nuances plástico-teóricas da feitura do trabalho autoral Ptose. Cientificamente, Blefaroptose, ou ptose palpebral, é uma condição (muitas vezes congênita) em que a margem palpebral cobre mais do que 2,0 milímetros do limbo superior. Ou seja, é uma pálpebra menor que a outra, podendo ser uma condição tanto estética quanto funcional, já que restringe o campo visual e leva a uma posição viciosa da cabeça, provocando um desconforto, um desvio. Emocionalmente, tenho os olhos de meu pai, que eram os olhos de meu avó, que eram os olhos de não sei quem. Desde que nasci enxergo amorfo sob ptose. Plasticamente, Ptose é hoje um ensaio fotográfico composto de 10 (dez) imagens. Todas reversas, deixadas em negativo e não positivadas. As imagens “prontas” dentro do sistema fotográfico vivem na dimensão oposta. É quase um retorno a caixa preta. O desvio e o impulso de ser artista irrompe o sistema e não se satisfaz com seus resultados. São fotografias de barreiras, de paredes, de muros, que ao negativa-las se pretende agir na ambiguidade do meio fotográfico. Criando paisagens. Evidenciando que a imagem não é o registro da coisa em si.

MELO, Havane Maria Bezerra de [UnB]

Nenhum Momento é Trivial: foto instalações sobre caminhadas à deriva

Fruto de minha pesquisa em fotografia com o objetivo de construir narrativas ficcionais, Nenhum momento é trivial (2017-2018) é uma série de instalações fotográficas montadas com a reorganização de registros coletados durante várias caminhadas urbanas e é um recorte do olhar sobre as áreas percorridas. O trabalho esclarece o conceito e as referências que permeiam a série de foto instalações em narrativa expansível Nenhum momento é trivial que, até o momento, conta com quatro composições. As imagens foram capturadas durante caminhadas à deriva – solitárias ou acompanhada de outros artistas – realizadas em consonância com o pensamento dos dadaístas e surrealistas de percorrer trajetos aleatórios com a finalidade de produzir a partir dessa experiência. A pesquisa problematiza a relação da sociedade com os trajetos que executa, automáticos, e a valorização

do automóvel em detrimento do pedestre. Momentos e lugares foram recombina- dos compondo uma narrativa modular e expansível, apta a ser reorganizada de acordo com o espaço de montagem, incluindo paredes, chão, cantos ou ou- tras superfícies, incorporando objetos ao longo da sua expansão. Utilizando a ideia da parede como página em branco, o trabalho dialoga com espaços vazios e aproveita os diferentes planos (horizontal e vertical), buscando criar uma am- bientação que fortaleça a narrativa da instalação. Cada bloco narrativo prioriza um elemento específico e segue uma orientação cromática e textual. É também uma cartografia de caminhadas, acompanhada de mapas que representam grá- fica e parcialmente, em escala reduzida, a superfície da região, permitindo que o espectador identifique geograficamente o percurso. A cartografia apresenta-se também como método de pesquisa em arte, posto o desenvolvimento contínuo do trabalho enquanto reunião de fotografias decorrentes de caminhadas. Como referência, utilizamos as obras dos artistas Hamish Fulton e Bruce Newman, do quadrinista Woodrow Phoenix, dos escritos de André Breton e Georges Perec e do músico Vitor Brauer. O resultado é uma obra aberta, com diversas possibili- dades de leitura e ocupação espacial, passível de ser expandida à medida que novas fotografias venham a ser incorporadas.

MENDES, Lorraine Pinheiro [UFJF]

Pesquisa em Artes sob uma perspectiva decolonial: o papel de discentes negrxs

A presente comunicação tem por objetivo a discussão sobre a construção de uma pesquisa em artes e em história da arte, sob uma perspectiva decolonial a partir da presença de estudantes negros e negras na universidade pública brasileira. É importante, para tanto, considerar os problemas metodológicos que envolvem o ensino e pesquisa das áreas abordadas no espaço acadêmico institucionalizado. Espaço este marcado, a exemplo das demais instituições democráticas brasilei- ras, pelo alijamento dos saberes e sentidos africanos e afrodiaspóricos. Logo, tais problemas metodológicos desenvolvem-se fundamentados em uma inte- lectualidade e em uma cartografia branca e eurocentrada no ensino e pesquisa em artes e história da arte. Desde o aumento do ingresso de estudantes negros e negras nas universidades, sobretudo a partir da aplicação de políticas públi- cas afirmativas, pode-se perceber potencialidades e possibilidades novas que instiguem uma mudança do discurso fundante do espaço acadêmico. Surgem

pesquisas sobre artistas negros e negras, residências artísticas e a focalização da negritude não somente como tema de pesquisa, mas como grupo pensante e atuante. Tais manifestações podem enfrentar, juntamente com demais minorias, as questões que envolvem a pesquisa e o ensino de artes. Garantir a permanência desses sujeitos, corpos e intelectualidades na universidade pública brasileira torna-se estratégia de sobrevivência diante do projeto de poder e de extermínio em curso no país, pautado em narrativas fascistas e racistas. A construção de uma intelectualidade negra, e não somente de indivíduos negros intelectuais, parte de uma universidade que se veste de povo e se empretece. A construção de uma intelectualidade antirracista tem sua força em uma universidade que reconhece a importância do ingresso e da permanência da negritude no seu espaço como mola propulsora de uma transição para uma cartografia global dos estudos acadêmicos e, portanto, do estudo e pesquisa em artes e história da arte.

MENDONÇA, Vanessa Cristina Cavalcanti de [UnB]

Encontros na obra de Fayga Ostrower: tecidos estampados e gravura artística

Esta comunicação tem como objeto de estudo a criação de padrões para estampagem em tecido, de Fayga Ostrower, entre os anos de 1952 a 1967, no Rio de Janeiro, assim como suas relações com o design e a falta de uma historiografia que abarque toda a sua importância para a História da Arte Brasileira. Essa fase de criação de Fayga Ostrower durou quase 15 anos e produziu mais de 500 padrões de tecidos, dos quais 179 estão catalogados no Instituto Fayga Ostrower, no Rio de Janeiro. Fayga participou, juntamente com outros artistas, das coleções de moda que utilizavam “tecidos de artistas” para alavancar a identidade nacional pelo mundo, na década de 1960. Esse projeto foi patrocinado e executado pela multinacional Rhodia. Trata-se também das relações entre os diversos suportes de criação da artista e os ruídos que causam entre si. E de como esse fazer artístico simultâneo em várias matérias constituiu a obra da artista múltipla Fayga Ostrower.

MOURA, Marinalva Nicácio de [UnB]

Intercorporeidade e a tecnologia da computação vestível em performances artísticas

Neste artigo, lanço mão da ontologia do corpo do filósofo Maurice Merleau-Ponty para refletir sobre a nossa relação com as coisas do mundo, mas especificamente a relação corpo-tecnologia. A incorporação de dispositivos eletrônicos ao corpo tem destaque significativo nas pesquisas sobre a computação vestível desenvolvidas por Steve Mann, que resultam no significativo aumento das criações e vendas desses dispositivos nos dias atuais. Inspirada no pensamento de Merleau-Ponty sobre a intercorporeidade do corpo com as coisas do mundo, no qual as coisas do mundo são aquilo que falta ao corpo para fechar seu circuito, e no pensamento de Steve Mann sobre a computação vestível, no qual a máquina deve possuir constância de operação e interação, está sempre ligada, disponível, acessível e incorporada ao usuário, crio performances artísticas utilizando vestimentas que portam dispositivos tecnológicos. Ofereço como reflexão a experiência na performance artística, na qual faço uso de uma vestimenta com bolsos em plástico vinil que portam dispositivos tecnológicos para interagir simultaneamente com espectadores presenciais e espectadores “ao vivo” em redes sociais: os espectadores presenciais são convidados para conversar sobre feminicídio explorando o toque sensível, o arrastar e espectral a tela do dispositivo; os espectadores on line são convidados para a conversar espectralando e interagindo por meio de comentários em forma de textos escritos ou figuras no dispositivo. Até o presente momento, na encruzilhada da intercorporeidade do corpo estesiológico com a computação vestível em performance, instaura-se o corpositivo: um novo esquema corporal de incorporação do dispositivo ao corpo que permite acessar e ser acessado “ao vivo” e amplia a presença para a onipresença do corpo em conexão pela telemática, onde ocorre uma indivisão e transubstanciação do corpo, do corpo e do mundo, do corpo e do corpo do outro, do corpo e do dispositivo. Nessa encruzilhada de corpos a tecnologia amplia, transforma e instaura novos modos de ser no mundo.

NERY, Beatriz Melo Franco [UnB]

Narrativa LGBT na Arte Urbana: Impactando Imaginários

Os espaços urbanos demonstram potencial profundo em termos da observação

de trocas culturais, principalmente a partir de suas organizações diversas e orgânicas, servindo como suporte para formas de vida que, no século XXI, estão atreladas a uma vivência urbana em seu espaço conformado pela tecnologia e pela técnica. Esse desenvolvimento ocorre quando a cidade física deve compartilhar seu território com a formação de uma nova urbanidade intensificada pelas representações sociais da subjetividade contemporânea, evidenciando a emergência de novos signos e processos comunicativos a partir delas. Vê-se, ainda, que a cidade é compreendida e significada a partir das apropriações de seus espaços, que os transforma e ressignifica. Pensa-se, portanto, na apropriação do espaço urbano como ação político-estética que potencializa, demonstra e cria visibilidade para imaginários, impactando o imaginário urbano coletivo, englobando histórias, sentimentos e narrativas vividas. Percebe-se que as narrativas vinculadas à arte urbana são intrínsecas ao ecossistema urbano como marcos sociais e culturais de constante tradução intersemiótica da vivência na urbanidade contemporânea. Portanto, as narrativas elaboradas neste trabalho se apresentam em intervenções artísticas no espaço urbano, buscando representar, para Novas, “recortes do mundo transformado em linguagem, uma janela que separa e se comunica com a realidade através de suas distâncias”. A concepção dessas intervenções parte de experiências pessoais fortemente delineadas pela vivência como jovem LGBT no contexto da cidade de Brasília. Com estímulos visuais e textuais, busca-se representar aspectos sensíveis das incongruências da vivência LGBT e, assim, “descobrir o universal no particular: submete a uma unidade, a pluralidade do real”, segundo Novas. Sendo possível, desta forma, impactar a experiência urbana por meio da participação na construção dos territórios como uma realidade imaginada.

OLIVEIRA, Rodolfo Augusto Melo Ward de [UnB]

Fotografia contemporânea: o poder das imagens e a função do observador contemporâneo

Neste artigo serão explicadas as mudanças que os conceitos de representação e observador da imagem vêm sofrendo nas últimas décadas. Não pretendemos esgotar o assunto, que ainda se encontra em discussão e em plena expansão. Nosso objetivo é elucidar questões relativas às imagens que estão sendo debatidas no âmbito acadêmico, ocidental, atualmente. Propomos uma reflexão

sobre as radicais transformações que a natureza da visualidade sofreu no último século em decorrência das transmutações sociais e dos avanços tecnológicos e como reverberam na produção fotográfica contemporânea. Com esse intuito, entramos no campo da cultura visual e da cultura da convergência, conhecimentos necessários para artistas pesquisadores do campo das artes visuais. Explicaremos as mudanças sofridas no âmago da representação das imagens e a potencialização do papel do observador, dando a devida importância para o contexto vivido à época, do século XIX aos dias atuais. Esclareceremos como os conceitos de imagem, representação e observador também se expandiram consoantes as mudanças na sociedade e como isso afeta a fotografia documental em sua essência, estreitando ainda mais o limite entre ela e a fotografia artística. Existe uma enorme e atual discussão a respeito das imagens na contemporaneidade devido às mudanças tanto na função do observador quanto na função das imagens e sua representação. Essas profundas mudanças que estão ocorrendo na história da arte, como explicaremos a seguir, são influenciadas em partes pela consciência que a virada pictórica trouxe e pelo progresso nos estudos em cultura visual que projetam consequências, primeiramente, nas diversas áreas das artes e, posteriormente, na sociedade em geral. Para compreender como os artistas trabalham suas narrativas imagéticas na contemporaneidade, definiremos o conceito de imagem por meio de um diálogo entre Vilém Flusser, Lúcia Santaella e Windfried Nöth. Em seguida, adentraremos nos estudos sobre cultura visual tendo como base a definição de Nicholas Mirzoeff. Finalizaremos a parte teórica com o diálogo entre Jacques Rancière e William Mitchell sobre a virada pictórica e, logo em seguida, apresentaremos a conclusão.

OLIVEIRA, Renata Azambuja de [UnB]

Produzir para quem? Residências, zonas de visibilidade e o sistema de arte:

o caso NACO

Há lugares para a produção de arte que estão distantes de zonas de visibilidade e não inseridos na lógica do fluxo de funcionamento do sistema de arte, baseado na tríade objeto-destinatário-instituição legitimadora. Nossa ponderação para esta comunicação pode ser expressa de seguinte forma: o que implica, para o presente, a existência de uma instituição artística voltada a fomentar a produção e a reflexão sobre arte contemporânea, em localidades alijadas dos centros de

debates e de recepção na atual conjuntura de crise e desmantelamento institucional? Para colaborar com a discussão, apresentamos, como objeto de investigação, o Núcleo de Arte do Centro-Oeste – NACO, espaço fundado em 2014 como um local voltado para residências artísticas situado no distrito de Olhos D’Água, município de Alexânia, em Goiás, cidadela com aproximadamente 2.000 habitantes. A situação delinea-se como um impasse pelo desafio que se apresenta, que é o de constituir-se e manter-se como um espaço cujo objetivo é o de reunir agentes para discutir e produzir arte contemporânea, fora da esfera pública de informação, discussão e circulação, em uma localidade em que nada disso possa fazer sentido ou mesmo que reverbere, socialmente, naquele meio ambiente, como pauta para uma agenda política, artística e cultural ampla. Nosso exercício, frente a esta circunstância, é o de pensar sobre as significações desta condição, em que a geopolítica interliga-se à reflexão em torno do sistema da arte contemporânea. Para isso, pretende-se trazer para o perímetro de nossa discussão conceitos como o de “zona de contato”, introduzido por Mary Louise Pratt, com o intuito de tratar sobre as negociações que podem surgir dos encontros culturais; a perspectiva posta por Simon Scheikh sobre a crítica institucional, onde ele propõe uma reavaliação do uso corrente do termo; e notas sobre as considerações acerca do circuitos de arte contemporâneas no Brasil, propostas por Newton Goto.

RANGEL, Alexandre G. Q.[UnB]

Desconstruindo Brasília

Um jogo? Um instrumento? Ou uma cidade – inteligente? A obra Tocando Brasília, de Alexandre Rangel, explora a relação entre os papéis de jogador e cidadão, propondo momentos de sensibilização e atuação política, em dias de vigilância, de controle de dados e da internet das coisas. Quem manipula quem: a cidade ou o ser humano? O software interativo mistura imagens de satélite e textos do urbanista Lúcio Costa, permitindo que o público manipule os mapas e toque a cidade como uma partitura. Exploração do processo criativo de desenvolvimento poético e técnico da obra de software-art, em Tocando Brasília o urbanismo geométrico de Brasília ganha feições estéticas de código de programação. A pesquisa faz alusões aos conceitos de acaso e de cidade inteligente, que ganha sensibilidade a partir de algoritmos de software. Desde o início dos anos 2000, eu já desenvolvia projetos de exploração espacial com programação 3D. Uma

janela de oportunidade se abriu quando conheci uma nova forma de programar. O sistema ORCA é uma das maiores novidades na cena de sistema de programação ao vivo dos últimos anos: uma mistura de sistema de programação e tabuleiro de jogo com elementos sonoros. Sua natureza gráfica bidimensional permite a visualização de vários pontos de geração de sons (cursors ou cabeças de playback). O ORCA pode sintetizar sons com seu próprio sintetizador (um software chamado Pilot) ou enviar comandos (nos formatos MIDI, OSC ou UDP) para síntese sonora em outros softwares, tais como Sonic Pi ou Ableton Live. Observo o campo de experimentação do software ORCA como uma ligação com as produções e experimentos com partituras visuais, permitindo uma espécie de desenho com o código, permitindo interpretações sonoras e visuais ao mesmo tempo. Programas de live coding como o ORCA são a concretização de práticas que transformaram profundamente o conceito e o papel da partitura musical. Tornaram real e prática a utopia de fusão entre composição, execução e improvisação audiovisual.

REIS, Artur Cabral [UnB]

Flores_circuito, arte computacional e vida

No contexto da arte computacional, ocorre uma aproximação entre as máquinas e a natureza que fomentam novas possibilidades de experiência estética, a partir da justaposição de arte, natureza e tecnologia. Este trabalho descreve o processo de criação e poética da obra intitulada Flores de Plástico, realizada colaborativamente com equipe transdisciplinar do laboratório de novas mídias na UNB (MediaLab/UnB), formada pelas áreas de artes, ciência e tecnologia. A obra abordada no texto consiste em uma instalação interativa, luminosa e de plástico que se apresenta no encontro das tecnologias de objetos conectados e Internet das Coisas. Criamos uma selva de plástico, com plantas e flores interconectadas que formam um biótopo computacional, um conjunto de condições físicas e químicas que caracterizam um ecossistema ou bioma, por meio da replicação e a simulação computacional dos processos encontrados na natureza atribuímos às máquinas um comportamento autônomo e autopoietico ainda que em nível restrito, possibilitando resultados estéticos emergentes e imprevisíveis. Recorremos ao uso de algoritmos evolutivos e sistemas de vidas artificiais para adentramos aos estudos sobre a criação de vida e evolução no contexto da arte computacional,

procurando envolver a arte na relação entre organismos naturais e computacionais na busca de uma coexistência entre o artificial e o natural. Nesse contexto, pretendemos revelar as mudanças de civilização que estamos experimentando, bem como sua mudança climática em função do meio ambiente degradado e na perspectiva do antropoceno. O processo do trabalho poético aqui apresentado pretende questionar como a junção da biologia com a tecnologia está impactando os seres vivos e nossa concepção sobre vida, transformando a nossa relação com as vidas naturais e maquínicas.

RODRIGUES, Clarissa da Silva [UnB]

Moema: um estudo de uma imagem insurgente da história da arte brasileira

A presente pesquisa sobre Moema (1866), de Victor Meirelles, teve início a partir de questões sobre estudos da arte brasileira e latino-americana que surgiram durante as disciplinas da graduação em Teoria, Crítica e História da Arte. Um estudo aprofundado de sua historiografia foi realizado em 2010, na Unicamp, sob o título de Moema é morta, onde Alexandre Miyochi recupera Moema e os caminhos de sua imagem na literatura, na arte, na música e no teatro. Na personagem de Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia (1781), escrito por Santa Rita Durão, encontram-se características que a destacam do poema, ainda que ela não seja uma das protagonistas do que Durão se propõe a cantar sobre o Brasil. Ao pintá-la, Victor Meirelles a resgata de sua submersão literária e apresenta em um grande painel uma imagem que faz duvidar, e é a intriga dessa personagem, tanto no poema quando na pintura, que interessam a este estudo que ainda está em seus primeiros passos. A figura de Moema não foi objeto de um olhar mais cuidadoso no século XIX por estar sincronizada com obras de Victor Meirelles, encomendadas pela coroa brasileira, que portam sobre momentos históricos e de origem de um país dentro de um projeto de construção identitária de seu povo que acabara de se tornar independente de Portugal. Pintada por Meireles, Moema é uma imagem anacrônica, escrita por Durão, ela é também uma personagem que se transporta no tempo desde o século XVI. Nas duas situações, a índia é uma aparição inesperada: já é comprovado que a personagem é uma criação de Durão dentro do poema épico; sabe-se também que Meirelles pintou-a sem nenhum tipo de encomenda. Suas reaparições, em tempos e modos diferentes, evidenciam hiatos cronológicos que demandam investi-

gações mais precisas, como aqui tentamos iniciar, para somar à arte brasileira e à pintura de Victor Meirelles novos motivos de interesse e debate no presente e no futuro. Portanto, nos propusemos a mergulhar na pesquisa de Moema como personagem, imagem e tema, principalmente na pintura de Victor Meirelles, a primeira feita de Moema e conhecida pelo grande público desde a publicação de Santa Rita Durão. O estudo trará pontos de vista da semiótica visual, da teoria da arte e mesmo da teoria da literatura, para dar conta dessa figura que não cessa de retornar aos nossos olhos.

SANTOS, Felipi Souza dos [UnB]

Singularidade: lugares de indeterminação de grandezas segundo procedimentos do site-specific

Em física gravitacional, singularidade é um termo usado para definir um espaço onde grandezas físicas relacionadas aos campos gravitacionais não podem ser determinados. Considerando esse espaço, entre relacionamos procedimentos de trabalhos artísticos denominados de site-specific com a estética relacional para pensar como um trabalho artístico feito para um outro ou grupo específico podem impedir uma possível interpretação externa à aquela relação que não pode ser repetida, porque as grandezas envolvidas não podem ser determinadas. Tratando de trabalhos artísticos como experiência e considerando o espectador emancipado, a elaboração de pequenos objetos concebidos por experiências pessoais se torna ponto de ligação entre o artista e seu receptor. Essa ação nos apresenta uma situação de indeterminações para parâmetros como registros, os acontecimentos e os modos de conservação de um estado sem referência, ao considerar que as diferenças entre os indivíduos tornam sempre nova uma experiência, ainda que repetidos os objetos e as pessoas envolvidos. A resultante desta preocupação com as indeterminações nas relações artísticas entre pessoas e objetos nos direcionou a questionar o participativo como ação que possa ser repetida, desse modo, dentro do limite do indivíduo, no que tange suas memórias, este é o único espaço de registro. Assim, a posterior narrativa de experiências vividas não pode ser considerado registro, mas formas de proposições outras de experiências artísticas entre pessoas e ou objetos. Ao considerar o receptor como espaço de memória que opera com o esquecimento (um conceito ligado aos lugares assim como o site-specific), o trabalho artístico baseado em

relações toma forma dentro dos indivíduos e sua existência e permanência só é possível quando a memória se torna narrativa e o esquecimento, a indeterminação de grandezas.

SANTOS, Moisés Alves dos [UnB]

O corpo trágico na obra de Thiago Martins de Melo

A presente proposta se alvitra a tecer uma análise inserida na obra do pintor contemporâneo brasileiro Thiago Martins de Melo a partir de um instrumental teórico que associa sua produção pictórica com o que se estrutura, tanto na literatura quanto na semiologia, enquanto trágico. Por intermédio de recortes direcionados nas pesquisas de alguns estudiosos como o teórico e crítico literário britânico Terry Eagleton, o semiólogo e filósofo francês Roland Barthes e os autores também francófonos Gilles Deleuze e Félix Guattari, é criada uma reflexão e percurso a partir da ideia de que espaços e corpos podem ser caracterizados e representados como trágicos. Tanto os lugares quanto os corpos nas instâncias representacionais apresentam significações específicas a partir de análises direcionadas e como, tanto essas atmosferas quanto a fisicalidade desses sujeitos podem ser encontradas na obra de Martins de Melo. Diversas definições de trágico vêm sendo apresentadas desde a Grécia antiga, sendo elas não só afirmativas; certas vezes é possível perceber que os esforços parecem se fixar muito mais em uma necessidade de dizer especificamente o que não é trágico do que em delinear seus principais tópicos e possíveis características. Entretanto, temos duas possibilidades de definição, paralelas, mas semelhantes: os essencialistas acreditam que, no completo entendimento do elemento trágico a partir da tragédia grega reside a probabilidade de abranger múltiplos outros textos como equivalentes a estes. Já os nominalistas recusam e interrogam a compreensão de que exista algo como o trágico ou a tragédia, afirmando que existem apenas textos assim nomeados e que, na verdade, a tragédia é vinculada à experiências textuais, convenções linguísticas e instituições do saber. A pintura de Thiago Martins de Melo trata de maneira essencial sobre territórios, sejam eles subjetivos, psíquicos ou físicos. A análise e a abordagem da fisicalidade em seu trabalho transcendem as questões conceituais e de organização visual rumo à técnica, materialidade, viscosidade e porosidade da tinta aplicada, à ocupação do espaço expositivo e à análise da cultura enquanto estrutura seminal dos ambientes que nos cercam. O

artista tem - a partir do estudo do espaço em diferentes instâncias na sua obra - a preocupação e a meta de associar tais motes à narrativa na pintura, tratando assim de desfiar e dar fluxo às histórias que são híbridos de questões imaginárias e subjetivas, com traços de inconscientes coletivos; índices e signos políticos, culturais, religiosos e sincréticos de um contexto brasileiro, porém oriundo de influências e referências em culturas diversas Assim, sua pintura cria um espaço cênico-narrativo da tragédia em forma de espaço pictórico, transformando-se em palco para que os possíveis corpos-texto da pintura se transmutem em corpos-ação ou corpos-experiência.

SILVA, Anna Paula da [UFBA/UnB]; CAETANO, Juliana Pereira Sales [UnB].

Vestígios de performances em museus: documentação e arquivamento sob narrativas da impossibilidade

É comum a percepção de que as ações performáticas realizadas em um determinado contexto só podem vir a ser acessadas por aqueles que as vivenciam enquanto presença. Ou seja, apenas aqueles que estiveram naquele exato tempo e espaço sabem o que foi a ação. Mas, e quando os museus adquirem os vestígios (registros e artefatos) das performances? O que efetivamente eles possuem da – sobre a – obra? Ou ainda, como essas instituições, que têm como premissa o zelo pelas ações de conservação, pesquisa e comunicação, agem em relação aos seus vestígios? Não obstante, por que grande parte desses vestígios não são vistos como obra ou parte de uma performance acervada, mas apenas como documentos históricos? É diante dessas questões que se debruça o trabalho, cuja proposta é não apenas problematizar as narrativas da impossibilidade de se construir sentidos quanto ao que se tem de – sobre – ações performáticas nos museus, como também questionar as fronteiras inicialmente antepostas pelos museus na distinção entre obra e vestígios de ação. Tal narrativa é compreendida por nós como um paradoxo entre a completude e a finitude de performances, uma vez que que muitos museus não possuem as performances, mas sim, vestígios da ação. Nesse sentido, a análise recorre à reflexão do arquivamento de vestígios nos museus de arte, compreendendo os vestígios como a documentação das obras, bem como a realização de documentação museológica das obras e dos vestígios pelos profissionais das instituições. Consideraremos também em nosso estudo a “musealização em trânsito”, ou seja, pensar a possibilidade de

acervamento não apenas de obras de arte, mas também dos vestígios, por demonstrar o processo e estar em processo, conforme sua ativação por meio de pesquisa e comunicação. Acreditamos que este aspecto seja fundamental para compreender os sentidos da narrativa da impossibilidade, uma vez que é comum a justificativa de uma dificuldade de se atribuir uma diferenciação entre o que é – foi – a obra e o que é o vestígio, para que assim seja tomada uma decisão dos limites institucionais e poéticos de visualidade das ações. Para embasar a discussão, apresentaremos os vestígios de performances presentes nos setores de documentação e pesquisa do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), Museu de Arte do Paraná (MAC-PR) e Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS).

SILVA, Franklin Paulo Eduardo da [UnB]

A arte e o grafismo Baniwa: significados e sentidos

Os baniwa são do povo de língua Aruak, vivem nas fronteiras do Brasil com a Colômbia e Venezuela, distribuídos em aldeias e sítios nas margens do Rio Içana, seus afluentes e subafluentes (Cuiarí, Ayarí, Cuabate, Quiari), no Rio Negro/Guainía e centros urbanos, como São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel, Barcelos (AM) e nas cidades venezuelanas e colombianas situadas próximas das fronteiras com Brasil. Atualmente, a população Baniwa é estimada em torno de 12 mil pessoas, das quais cerca de cinco mil no Brasil, vivendo basicamente de agricultura especializada na mandioca brava e da pesca, em aproximadamente cem aldeias e sítios. Os Baniwa fazem parte de um complexo cultural de 23 povos indígenas que habitam há milhares de anos no extremo noroeste da atual fronteira geopolítica da Amazônia brasileira, Rio Negro (AM). Os baniwa são diferenciados e reconhecidos pelas suas artes e grafismos milenares expressas em cestarias, cerâmicas, pinturas corporais e outros produtos e materiais. Acreditam que esses conhecimentos e saberes são deixados pelos seus ancestrais sobrenaturais, desde período mítico. Deixaram essas artes e grafismos como sinônimos de altas habilidades, qualidades técnicas e padrões intelectuais das pessoas. Por isso, cada grafismo tem seu significado e sentido, simboliza especialidade, hierarquia étnica, alta intelectualidade, saberes e técnicas. Trazer essas artes e grafismos para academia não significa apenas inovação das artes contemporâneas, significa descobrir os sentidos e a importância da arte de viver de

uma sociedade historicamente desprezada. Esse é o tema que pretendo trazer para este espaço como contribuição com as discussões de inovação da arte contemporânea brasileira.

SILVA, Hertha Tatiely [UFG]

Entre fraturas e suturas: artes visuais localmente significativas

As questões e reflexões que serão apresentadas são pertinentes à pesquisa de doutorado desenvolvida desde 2018 junto ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), na linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação. Neste artigo apresentarei algumas reflexões sobre as fraturas que a arte de raiz única tem provocado em contextos educativos. Uma das questões que interrogo é como essa unidirecionalidade tem influenciado na definição dos conteúdos, metodologias de ensino e produções artísticas. A partir de discussões sobre arte contemporânea, processos de mediação localmente significados e epistemologia decolonial nas artes visuais. O meio da arte tem se atualizado em consonância às novas orientações artísticas e, mesmo voltando-se para as coisas do mundo, não mais se fixando em aspectos sensoriais distintivos, a manutenção e a renovação de rituais que a afirmam como instrumento de distinção se mantém. As narrativas enviesadas, a negociação constante entre arte e vida, a busca por sentido em desprendimento à forma e às interlocuções com os diferentes saberes e fazeres humanos, não penetram o estanco das instituições artísticas. Mesmo que estas estejam mais dissipadas, o círculo restrito e restritivo está salvaguardado. Entre tantas possíveis problematizações que envolvem a arte contemporânea, entendo que não há problemática maior do que um debate sobre sua abrangência e função na sociedade, os modos de circulação e as mediações entre diversos públicos. Nessa disposição, todas as etapas do processo artístico devem ser consideradas: o modo como se realizam a produção, distribuição e consumo, além da participação ou exclusão das diferentes camadas sociais no conjunto desse processo. A questão que um dia foi “o que é arte?” se deslocou para “por que é arte?”. No entanto, argumento que essas questões não fazem sentido se antes não refletirmos: por que arte?

SILVA, Valdinaldo Martins da [Escola Estadual Francisco de Oliveira Filho]

Corpo em Performance na Escola

O objetivo deste artigo é apresentar um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. A pesquisa se tratou de uma escrita poética/conceitual referente a um trabalho teórico e prático em performance artística desenvolvido em sala de aula por meio das experiências com o uso do corpo. O estudo possibilitou aos envolvidos a promoção de outras inteligibilidades em torno das questões do gênero através da arte. Esta proposta de investigação buscou, por meio da performance em artes visuais, inaugurar um dispositivo estético e pedagógico acionador de debates sobre os aspectos culturais do gênero na escola ao mesmo tempo promover o questionamento das normatividades corporais biológicas, bem como a LGBTfobia. A investigação de campo foi realizada na Escola Estadual Francisco de Oliveira Filho, localizada numa comunidade do interior do Estado do Amapá e contou com a contribuição de dois grupos focais formados por alunos do terceiro ano do ensino médio. No primeiro momento foi realizada uma conversa sobre gênero e sexualidade na qual foi oportunizado uma discussão mediada a partir da utilização de imagens de performances artísticas autorais, onde a abordagem principal é o gênero. Ao final da conversa foi solicitado aos grupos que produzissem ações performáticas sobre a mesma temática. No segundo encontro os alunos realizaram as apresentações das performances e em seguida houve um debate sobre os trabalhos apresentados. A escrita deste trabalho é narrativa e poética – tanto na discussão teórica quanto na apresentação dos procedimentos metodológicos. O objetivo do estudo se configura na construção, por meio da arte da performance, de um empoderamento artístico corporal dos alunos de modo a possibilitar que os mesmos identifiquem-se como agentes políticos capazes de desconstruir padrões normativos e opressivos de gênero e sexualidade, bem como o combate aos estereótipos sendo estimulados a um pensamento crítico que desmistifique os discursos estigmatizantes reproduzidos na escola.

SILVEIRA, Guilherme Lima Bruno E [IFPR; UFG]

Novos diálogos e formas de olhar levantadas pelas histórias em quadrinhos contemporâneas

As histórias em quadrinhos contemporâneas exploram as mais variadas possibilidades de construção de sua estrutura, não mais enquadrados por definições restritivas, os autores buscam formas experimentais e relações amplas para apresentar seu trabalho criativo. Essa abertura do campo das narrativas visuais faz com que os trabalhos de muitos artistas solicitem ao leitor uma nova – e também criativa – maneira de se apropriar da obra. O presente trabalho visa compreender algumas das diferentes possibilidades da leitura da história em quadrinhos experimental, que envolve não somente a leitura de textos e imagens, mas também uma compreensão/alfabetização das relações espaciais da página – artrologia de Thierry Groensteen – e relações contextuais de apropriações e trânsitos entre diferentes meios e linguagens. Em alguns trabalhos (como *Bleu* de Lewis Trondheim, *Abstraction* de Jochen Gerner, *S/T* de Alex Baladi, ou *Noire* de Ilan Manouach), procuramos discutir questões como: até onde podemos ter uma narratividade? O que garante a narratividade de uma história em quadrinhos? O que as imagens dizem, para além do narrativo? Quais diálogos a obra propõe? Como podemos ler tal objeto? Tentaremos abordar os espaços de liberdade efetivos de que podemos desfrutar como leitores reais, em face das obras que programam e codificam o modo como pretendem ser lidas, recusando as estruturas já padronizadas de se comunicar da linguagem narrativa visual. Em muitos momentos, encontramos – seja nas histórias em quadrinhos, na literatura, no cinema ou qualquer outra linguagem artística – objetos que fogem dos padrões já convencionais de leitura, seus protocolos de leitura não obedecem a formas pré-determinadas. Nesses casos, o leitor é desafiado a utilizar seu potencial criativo para apreender a obra lida. Esse trabalho é desdobramento da investigação sobre os processos de criação de histórias em quadrinhos que está sendo desenvolvido no doutorado, na UFG, em Goiânia-GO. Por tratar-se da criação a partir da reflexão sobre o potencial da abstração nas narrativas visuais, é de nosso interesse a investigação da leitura de histórias em quadrinhos experimentais (com apoio em autores como Groensteen, Hatfield, Beatens, Didi-Huberman e Bourdieu) e os possíveis diálogos com essas obras, passíveis de serem encontrados em cada nova leitura.

SKEFF, Narla [UnB]

Brasília: a cidade com um Museu Nacional

A proposta de artigo a seguir apresenta parte de uma pesquisa de mestrado em curso que toma como estudo de caso o Museu Nacional de Brasília (MuN) para discutir as diferentes dimensões educacionais em um museu de arte. Este artigo articula de maneira interdisciplinar e reflexiva diferentes campos de percepção deste museu. Inicialmente apresenta, a partir de pesquisas institucionais e acadêmicas, uma breve história dos processos de concepção e construção do MuN, projetado por Oscar Niemeyer e inaugurado em 2006. Construído a partir de valores estéticos de uma modernidade tardia, o museu em cúpula é uma instituição cultural oficial que abriga uma programação com exposições de arte contemporânea. Esta pesquisa propõe um giro da sua percepção espacial e discursiva com ênfase na presença dos indivíduos que transitam neste espaço. Pensar sobre como o museu surge, o que existia antes neste local e como ele aparece hoje para a sociedade traz a discussão sobre o contexto do museu e as dinâmicas e práticas sociais que estruturam suas trocas simbólicas. Os conceitos de museu moderno e de museu público são levados adiante na narrativa a partir das perspectivas teóricas de Tony Bennett, Andrew McClellan e Carol Duncan, cujas concepções definem o “museu” como lugares onde objetos estão expostos, associados à representação de uma comunidade, com a construção de imaginários coletivos representativos da “nação”, um cenário, entendido também como templo, com o poder de definir lugares com suas verdades e valores mais altos, onde os visitantes atuam. Ao discutir as diferentes realidades que interagem neste espaço e que, por sua vez, configuram diferentes ideias de museu, a análise busca problematizar em que sentido o MuN seria um Museu Nacional. Para este debate, é utilizada a perspectiva da museologia pós-crítica elaborada pelos autores Andrew Dewdney, Vitoria Walsh e David Dibosa, que discutem a autoridade cultural do museu e refletem o que pode ser um museu de arte no século XXI. Nesta discussão, a noção de públicos é revisada, admitindo que existe uma infinidade de públicos na totalidade social do museu, dentro dos discursos e forças políticas que operam quando estamos neste espaço.

SOBRAL, Raísa Curty Carvalheira [UnB]

Território dos Outros: P'utuqsi

Como parte da dissertação que desenvolvo, procuro entender linhas de pensamento que cruzem o meu trabalho artístico. Investigo a partir do deslocamento desde 2014 e durante este período realizei cinco exposições dentro das quais busco encontrar denominadores comuns que caracterizam um método, no caso aponto para a relação com o estrangeiro através das especificidades do deslocamento de cada viagem. Para esse texto, trago conceitos que encontro durante uma viagem à Bolívia e analiso as ações que proponho a partir deles. Ao longo do texto menciono ideias que orientam a exposição Princípio Potosí, que trata a colonialidade desde suas origens no século XVI até os seus desdobramentos no século XXI e desloca a perspectiva a respeito do início da modernidade, trazendo ela para América do Sul. Especulo uma paisagem em torno das práticas de deslocamentos andinos, desde os trajetos pré-colombianos, o impacto colonial e seus desdobramentos contemporâneos. Realizo uma imersão do Ayllu de Macha, e a partir do encontro com a comunidade desenvolvo uma proposta artística. Os dias ao lado da minha anfitriã Basília, onde pastoreamos ovelhas durante tardes inteiras, além de ter aprendido a tecer manillas no alto do cerro, enquanto trocávamos palavras em quechua e português, acabou inspirando a situação que proponho. Visto dezenas de ovelhas com roupas marcadas por grafemas em quechua e português, que se movimentam no cerro. Nuvens de letras, palavras que se desfazem, tratam da medida com o outro que busco enquanto me desloco. O texto fala sobre o método e sobre o processo de um deslocamento marcado pela paisagem da Bolívia, especialmente do Norte de Potosí e se orienta por estudos que buscam um olhar a partir da América latina sobre possíveis deslocamentos experimentais de caráter anti-colonial.

SOÜB, Alla [UnB]

Scheila Vitoriah: a outra dentro da outra

Os registros de performances, ações e fuleragens extrapolam a efemeridade do acontecimento, possibilitando desdobramentos e outras criações que têm como ponto-inspirador (de partida) a ação poética. Em 2013, criei uma plataforma para hospedar as videoartes desdobradas das ações que faço. No ano de 2015, esta-

cionei a manutenção e a postagem de conteúdo na página, mas não a retirei do ar. O vestígio da existência das performances continuou aberto ao público, mas vetado para download. Parei de divulgar a página porque seu nome é meu nome morto. Nome é mais que nome, é mundo, registro. Já em 2017, recebo mensagens alertando-me que as imagens estavam hospedadas em uma plataforma sexual (xvideos.com); em 2018, percebe-se a repetição das imagens agora em outra plataforma sexual (xhamster.com). Como resposta lenta, a primeira coisa que fiz foram os downloads dos vídeos – reapropriação – de minhas imagens e trabalho. Não sei editar vídeos, por esse lado agradeço a compilação feita pelo(a) fã/hater. Contra-ataque. Registro bola de feno sob performance, passado. (Feno: mato barato e alimento para ruminantes. Uma bola de neve se dissolveria muito rápido sobre o sol do cerrado, já a bola de feno só aumenta e pode, inclusive, aglutinar materialidades outras). Como a rua, a internet é lugar de censura. Scheila Vitoriah é o nome-máscara que escolhi para navegar pelas redes sexuais da internet, onde apareço sempre com o rosto coberto de alguma forma: máscara, balaclava ou bijuterias. Retirar-me enquanto rosto é uma opção que visa a preservar a autonomia de meu corpo tendo em vista todas as perseguições virtuais que já ocorreram tanto em épocas Mariana quanto na atual época Alla. Sem rosto, o corpo se potencializa, transborda o vício da leitura facial tendencioso ao esquecimento do corpo. Mula-sem-cabeça: a cara está em cada dobra. Sou eu corpo, ficção de mim que dou vida à Scheila. Ficção e não personagem, sendo passado no futuro. Scheila existe em mim há tempos, ela é o próprio desdobramento da sexualidade e pornografias cotidianas. No meu corpo, Scheila são os líquidos quentes e íntimos, abundantes. Ela lubrifica minha vivência, assumindo resiliência em busca da cura, en(s)ca(nca)ra a(s) ferida(s) do corpo e se aninha dentro dela como um vírus desconhecido no computador: reprogramação orgasmática, pornoterrorista. Silenciosa e prazerosa, assume agora a primeira pessoa dessa parte: S. Vitoriah.

SOUZA, Patrícia Teles Sobreira de [UnB]

O Futuro é Cênico?

Logo que ingressei no doutorado no então, PPG-ARTE, lembro que fui questionada por uma colega de curso sobre minha linha de pesquisa: 'Arte e Tecnologia?'. Apesar de não ter sido a primeira, e seguramente não sou a última, a

surpreendeu ver alguém com formação em Artes Cênicas na linha. Para além do preconceito de associar o teatro a algo arcaico, intrinsecamente não-tecnológico, chamou minha atenção a busca por categorizações engessadas. Ainda que a questão soe obsoleta em um tempo onde as fronteiras são borrosas - inclusive onde a palavra 'visuais' já não dá conta da pluralidade dos trabalhos artísticos (corporais, sonoros, sensitivos) - ela me tocou, pois as classificações se impõem, são demandas institucionais e estão enraizadas em um pensamento cartesiano de difícil transposição. Paralelamente compreendi que o imaginário coletivo do teatro é o palco italiano, com um texto a ser encenado e atores que incorporam personagens. Em outras palavras, uma estrutura dramática que há muito tempo diluiu-se, como teorizado no teatro pós-dramático de Lehmann, na estética do performativo de Fischer, no teatro performativo de Fèral, na mimesis performativa de Ramos, entre outros. Portanto, a comunicação versa sobre as manifestações artísticas transdisciplinares, a cena-expandida e o reducionismo do termo 'visuais' para o estudo de obras efêmeras contemporâneas. Do contrário, como pensar obras como a Fábrica de Pipas de Christus Nóbrega? Obra que propõe ao espectador uma releitura de uma fábrica de pipas chinesa, na qual, o visitante é convidado a assinar um contrato empregatício, a cadastrar sua biometria no sistema da fábrica e a vestir-se com o jaleco de operário para trabalhar na produção de pipas. Neste 'jogo cênico', ocorre a apropriação dos elementos da encenação pelo artista visual. Adiciono a essas questões a estética tecnológica e a tecnologia performativa. Segundo Santaella, a palavra estética define o potencial que algo possui para acionar nossa rede de percepções sensíveis, regenerando e tornando mais sutil nossa capacidade de apreensão das qualidades daquilo que se faz presente aos sentidos. Portanto, há tecnologia onde quer que um dispositivo, aparelho ou máquina for capaz de encarnar, fora do corpo humano, um saber técnico, um conhecimento científico acerca de habilidades técnicas específicas. Logo, é possível afirmar que as máquinas 'encarnam' um conhecimento técnico da atuação, da arte do ator, da performatividade do corpo?

TORRENT, Krishna Passos [UnB]

Buraco Sonoro – Sutilezas do Som (atualizações e revisões)

O artigo apresenta os resultados recentes das pesquisas artísticas de Krishna Passos, reflexões que o levam ao seu desenvolvimento e considerações que a

experiência artística nos abre. Na pesquisa, há o uso do som, como estudo de caso, apontando para fluxos não visíveis e não sólidos. Desta forma, o autor cria a obra, *Buraco Sonoro*, trabalhos poéticos em que busca estabelecer relações mais diretas com fluxo vibratório e noção tátil do som. Nele, usa sons da natureza, inicialmente presos dentro de um cilindro de aço que, podem ser libertados pelo público fruidor ao manusear o cilindro. Quando isso ocorre, há a propagação dos sons de dentro do cilindro para o ambiente. No entanto, ao contrário de percebermos, o som se propagando para fora do cilindro, fato fisicamente inegável; temos a impressão de que este som, ao se propagar, sugere-nos sugar os demais sons do ambiente para dentro do cilindro. Assim há uma contraposição entre o aprisionamento e a liberação destas frequências, entre a expansão do som pelo ambiente e a “concentração” dele no objeto; fenômeno um tanto estranho ao comportamento sonoro que estamos habituados. No caso, o processo e a obra artística são fontes para reflexões e apontamentos que abrangem desde as formas de percepção das vibrações, audíveis e não audíveis, até a ação destas sobre a matéria; trazendo, também, apontamentos sobre a irradiação de energias e forças vitais que, análogas ao som, operam em nós para além do visível e do plano físico.

TÓTOLI, Alessandra Campos [UnB]

Tecnoutopias do possível - processos de arte, comunicação e design na criação de redes de afeto

Embora haja dissensos entre as perspectivas utópicas e distópicas acerca dos mundos possíveis que a humanidade está criando com a mediação dos recentes avanços tecnológicos, é imperativo notar que a interface da tecnologia nos modos de existir é uma questão própria - menos - da atualidade - do que aparenta ser, já que a tecnologia, extensão temática da técnica - do grego *techné* - é tão antiga quanto o seu correspondente - do latim *ars* - ou arte. Dada a inevitabilidade da relação da humanidade com a tecnologia - a qual compreendemos em suas múltiplas manifestações - buscamos, nesse artigo, desenhar interfaces - imaginativas - que mediadas pela transversalidade das aplicações de arte, comunicação e design possam auxiliar na formação de redes - físicas e digitais - de caráter fundamentalmente afetivo - capazes de fomentar - a criação e/ou fortalecimento de comunidades emancipatórias. Deve-se destacar que a apropriação da produ-

ção e usos das tecnologias é um ponto importante na direção desse movimento rumo a criação de autonomia das comunidades – a qual ilustramos nesse estudo com os processos dos softwares e hardwares livres, inclusive como metáfora para o incentivo da produção de artes e ciência livres - cujos códigos, sejam numéricos ou relacionais, estejam abertamente disponíveis para o público - já que, sob uma perspectiva sistêmica, pode-se considerar o processo - ou memória processual - tão - e em alguns casos até mais - importante que os próprios resultados obtidos/expostos. Por fim, chegamos na transversalidade arte-comunicação-design, como possibilidade de interface que abrange diversas facetas dos procedimentos para a criação de subjetividades contemporâneas. Consideramos, aqui, arte como processo importante de tradução das subjetividades para media material, a comunicação como o processo pelo qual tal materialidade se conecta entre duas ou mais subjetividades e, por fim, o design como uma lógica de pensamento relacional que permite organizar a cadeia de criações de formas lógicas dentro do sistema proposto. Propomos, então, nessa relação transversal das três disciplinas, a partir de uma orientação sociopolítica afetiva e emancipatória, uma possibilidade de orientação tecnoutópica onde possam emergir relações inter-subjetividades livres e autônomas.

Busetto, Matheus Dal Bem [UFRJ]

O aplicativo Biophilia de Björk e o potencial da touch-screen

Em 2011, a cantora islandesa Björk causou um frenesi midiático após o lançamento de seu oitavo álbum de estúdio em formato de aplicativo para tablets e smartphones. A hiperbólica reação dos veículos midiáticos se explica por uma bem-vinda recepção mercadológica ao que então era entendido como um novo formato de consumo musical. Contudo, o aplicativo de Björk trazia em si um projeto estabelecido pela cantora que visava ampliar o potencial pedagógico do ensino musical nas escolas. Nomeado como Biophilia – termo cunhado pelo inglês Edward O. Wilson em 1984 – o aplicativo foi o primeiro passo dado pela cantora em busca de um novo sistema de ensino de musicologia entre jovens, base de um projeto educacional que mais tarde seria permanentemente incorporado pelo currículo nacional de 8 países escandinavos. Análise das constelações: dada a permeabilidade do aplicativo nos sistemas educacionais e nos circuitos artísticos e culturais – sendo ele o primeiro aplicativo presente no acervo permanente do MoMA, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque –, buscamos analisar a forma como o projeto compreende a necessidade de um caráter “visual” no ensino musicológico e qual o papel da arte e do design nessa intermediação. Estruturado em forma de galáxia, o aplicativo compreende 10 “sub-aplicativos” ou constelações, cada qual trazendo uma canção específica articulada a uma ou mais modalidades de uso do touch-screen. Aqui, debruçamo-nos sobre um dos desdobramentos possíveis do aplicativo: a ativação, por meio do ensino, da ideia de que diferentes áreas de conhecimento, assim como diferentes seres, formam redes de comunicações. Buscamos elencar também os problemas e os desafios atrelados ao aplicativo e ao uso de touch-screens como ferramenta pedagógica e à sua inserção em determinados espaços de ensino. Música, visualidade e os sentidos táteis. Nesse ponto, buscamos uma articulação entre o uso da touch-screen e uma maior taticidade associada aos meios de ensino do que os métodos tradicionais – além de outros dispositivos digitais, tais como o personal computer e sua diagramação em “paisagem” e “janela”. Nesse ponto, buscamos associar as vantagens trazidas pelo uso das touch-screens na criação e transmissão de conhecimento a esforços de outros nomes da música eletrônica em favor de uma maior presença do tato e da mobilidade na concepção do seu trabalho – à exemplo da Cracke Box, de Michael Waisvisz – e os preceitos

básicos da pedagogia pioneira baseada em jogos e brincadeiras desenvolvida pelo alemão Friederich Fröbel.

Feitosa, Emanuelle Santos [UnB]

Getting Religion: Uma representação cristã por Archibald John Motley Junior

Este estudo apresenta uma reflexão sobre a recepção do público sobre uma das obras do artista, *Getting Religion*, 1948, contendo uma representação da noite da década de 20, com um culto ao ar livre, na exposição itinerante Archibald Motley: Jazz Age Modernist. Archibald John Motley Junior (1891- 1981) foi um artista modernista negro. Nascido em Nova Orleans, foi o primeiro artista negro a ter uma obra no Art Institute of Chicago. Membro do Renaissance Harlem, Motley é considerado um dos artistas modernistas negros mais importantes dos Estados Unidos, devido sua produção estar vinculada ao imaginário do que a sociedade da época, realizava artisticamente e culturalmente, além das características técnicas de pertencimento ao movimento artístico. Analisamos aqui, a passagem em cinco espaços expositivos, sendo eles o Nascher Museum of Art da Universidade Duke, o Amon Carter Museum of American Art, o Los Angeles County Museum of Art, o Chicago Cultural Center e o Whitney Museum of American Art. Nestes 5 espaços, observamos a recepção do público de cada um, a partir das alterações do discurso dentro da exposição. Esta exposição, sendo a primeira mostra solo do artista, apesar de ser itinerante, apresenta uma pequena parcela da produção do artista. Entre 2014 e 2016, as obras do artista percorreram as cidades de Durham, Fort Worth, Los Angeles, Chicago e Nova York. As imagens cristãs, presentes nas artes visuais norte-americanas, são compreendidas também no contexto da liberdade e não aplicação da iconoclastia. Aplicamos aqui, o estudo do racismo vivenciado pela população das cidades onde a exposição percorreu, o artista, as comunidades representadas e também, como filtro a ser considerado na recepção das obras, devido o racismo ainda ser uma questão em aberto nos Estados Unidos. Procuramos neste estudo, reafirmar a importância do artista, ao reproduzir sua comunidade local, servindo também de influência artística para vários outros artistas, incluindo a conexão com outros artistas e pesquisas, tanto para a representação da cultura negra na pintura, quanto da religiosidade protestante, que não é investigada no Brasil, como é no país de origem do artista. Esta pesquisa, atua como mais um ponto de justificativa da ausência de artigos cien-

tíficos sobre este campo de pesquisa a partir das obras do artista, que podem ser utilizados como pontos de partida para outros desenvolvimentos na pintura modernista e contemporânea, de artistas negros do Brasil.

Jinkings, Caio Fernandes [UnB]

O printscreen como dispositivo fotográfico

Desde o seu surgimento no século XVI, a fotografia foi marcada por um longo processo de significância social e aperfeiçoamento técnico, adquirindo diferentes patamares de relevância no seu percurso histórico dentro das artes visuais e na lógica de relacionamento da sociedade com as imagens. A sua evolução técnica caminhou uma linha tênue com a sua influência sobre a sensibilidade visual humana, tornando impossível conceber uma organização social sem a presença do dispositivo fotográfico e seus maquinários de produção visual. Suas mudanças técnicas implicam necessariamente mudanças de pensamento e de visualidades. É diante desse caráter temporal da fotografia que a sua abordagem estritamente como um dispositivo técnico se torna insuficiente em abranger as questões de uma problemática visual contemporânea como um todo. A partir de um conceito multidimensional de dispositivo surgido no século XX, pensadores como Michel Foucault, Giles Deleuze e Giorgio Agamben abordam o dispositivo como um sistema heterogêneo inscrito dentro de uma relação de poder, atuando de forma intrínseca em processos de subjetivação do sujeito. Tais abordagens surgem como alternativa de resposta para compreensão acerca questões relacionadas à fotografia em seu estado totalitário, reunindo aspectos que perpassem desde o seu funcionamento técnico até processos intrínsecos de subjetivação sobre o qual o dispositivo fotográfico está associado. Como consequência desse constante aperfeiçoamento temporal, o recurso de captura de tela denominado printscreen surge como uma extensão do dispositivo fotográfico na esfera eletrônica das imagens virtuais. Existente em aparelhos como computadores e smartphones, o recurso consiste na produção de imagens a partir da captura de tela da interface desses respectivos aparelhos, trazendo transformações inscritas dentro de uma interatividade corporal e uma consequente “situação de experimentação visual inédita”, como propõe Alain Rénaud. Questões envolvendo autoria, manipulação e reprodução perpassam a temática do printscreen a partir de seu método de produção de imagens a partir de imagens já pré-existentes, desencadeando rela-

ções previstas dentro do maquinário visual proposto por Vilém Flusser. É dentro desse caráter emergente das novas mídias e a partir dos referenciais teóricos apresentados que os estudos reunidos no presente trabalho visam uma investigação acerca das possibilidades de funcionamento do printscreen como um dispositivo fotográfico na arte contemporânea.

Koyama, Erika Kimie [UnB]

MAHKU: arte indígena contemporânea

A pesquisa partiu de um interesse em se compreender melhor as produções artísticas indígenas contemporâneas, tendo por foco o coletivo Movimento dos Artistas Huni Kuin estabelecido no Estado do Acre. A partir do exemplo dos artistas aborígenes australianos pretendeu-se estudar casos semelhantes bem como compreender o contexto social das atuais produções artísticas indígenas e como são recebidas pelo sistema das artes. Como um vetor para a pesquisa, destacou-se a produção dos artistas indígenas Huni Kuin, que formam o coletivo denominado MAHKU. O estudo das produções artísticas é outra forma de se compreender as relações sociais e a cosmologia própria indígena. A pesquisa se fundamentou em estudos bibliográficos, a partir da seleção de autores, inclusive no campo antropológico, que investiguem a etnia Huni Kuin. Abordou-se outros autores que também estudaram as produções artísticas indígenas contemporâneas. Especialmente, optamos por fontes indígenas próprias, quando foi possível. Além de estudos bibliográficos, a pesquisa incluiu pequenas entrevistas com os artistas, análise de documentos e de obras de arte, pesquisa de campo por meio da observação direta (visita a museus e galerias). O povo Kaxinawa, ou Huni Kuin (Homem verdadeiro), habita a floresta amazônica brasileira, no Estado do Acre, e também no lado peruano. Atualmente, são cerca de 10.818 indivíduos. O coletivo MAHKU nasceu das pesquisas de Tuin Huni Kuin sobre os cantos tradicionais que o pai dele entoava. Alguns deles estão relacionados com os ritos do ayahuasca (nixi pae). Em 2006, o professor indígena Amilton Pelegrino Mattos publica o livro *Nixi Pae, O espírito da floresta*. Estas pesquisas relativas aos cantos irão originar o coletivo MAHKU, grupo que passou a transformar as palavras cantadas em imagens. Ou seja, sentiu-se necessidade de se fazer visível aquilo que somente os ouvidos captavam. Os trabalhos do grupo são desenhos e pinturas que tratam de sonhos, experiências antigas, rituais, mitos, memórias

coletivas, baseadas nos antigos cânticos de seu povo e já foram expostos em vários museus e galerias brasileiras e estrangeiras. Além de conhecer os trabalhos realizados pelo MAHKU, a pesquisa também permitiu compreender, de forma mais extensa, como o sistema das artes tem inserido esses trabalhos em seus circuitos, o que está sendo proposto e, mais, o que pode ser melhorado para difundir tais criações.

Nassuno, Marianne [UnB]

Irrealidades: uma Aproximação ao Difuso no Espaço

O objetivo do trabalho é apresentar uma reflexão a respeito dos aspectos do difuso no espaço que contribuíram para a experiência de construção teórica e prática de um conjunto de esculturas denominada "Ir-realidades". Tratam-se de esculturas feitas de arame posicionadas sobre uma base circular, que podem ser colocadas em movimento de rotação por ação da mão do observador. Em cada escultura foram adicionados pequenos objetos: pedaços de isopor, peça metálica, pena, semente, botão, origami, ninho de vespa. Cada escultura é apresentada no interior de uma caixa forrada de espelhos. A reflexão - que tem como ponto de partida a análise de uma escultura de Calder em movimento - aborda as referências utilizadas e as escolhas adotadas - em termos de material, forma e cor - para a elaboração das esculturas e as justifica com base nos elementos do difuso no espaço destacados nas referências. Estas, além do trabalho de Alexander Calder, incluem esculturas de Alberto Giacometti, pinturas de William Turner e Gerhard Richter, fotografias de Evgen Bavcar e análises sobre a relação entre as mãos e o olhar extraídas das obras de Jacques Derrida e de comentário de François Soulages no evento Roda Viva, BCE/UnB, Brasília, setembro/2018. As escolhas adotadas para a elaboração das obras "Ir-realidades", foram baseadas nos seguintes elementos da noção de difuso no espaço: a relação do difuso com o virtual; a importância do movimento real, para a oferecer ao observador a impressão de não poder identificar claramente o local em que o objeto ou suas partes estão; o papel da imprevisibilidade, que decorre dessa sensação de indefinição; a necessidade de participação do observador, inclusive com a utilização de suas mãos para a vivência integral da obra, na medida em que a imagem por ela oferecida não é fechada; a ocorrência do tempo estendido, em decorrência do fato de que o acontecimento do movimento real e da participação do observador

são necessários para a expressão da obra, vinculando tal situação à ocasião de sua criação pelo artista; e a importância dos espelhos e o seu posicionamento específico, em ângulo agudo, para reforçar a sensação de imprevisibilidade da obra, multiplicando as imagens de forma semelhante a um caleidoscópio.

Nogueira, Emanuel Victor de Almeida Rodrigues [UFRJ]

Arpilleras: confeccionando uma nova significação para a arte popular

Através do artigo desenvolvido, pretende-se expandir o entendimento do uso das técnicas têxteis para além do contexto de arte popular e reprodução mercantil, adentrando a área das práticas políticas. Tratando-se especificamente das arpilleras, tradição popular iniciada e difundida, principalmente, no Chile, que consiste no uso de retalhos e bordado, e de como as bordadeiras chilenas fizeram uso das arpilleras para fins que divergem do entendimento comum de quais seriam os desígnios das técnicas têxteis, o artigo tem como proposta, a partir da apresentação e da exemplificação desse novo contexto, discutir a noção em questão da relevância, do alcance e do poder da arte popular. Tendo como período de enfoque do estudo as quase duas décadas pelas quais se estendeu a ditadura militar no Chile, liderada por Augusto Pinochet, as arpilleras apresentam-se, nesse espaço de tempo, como ferramenta política de importância imprescindível para as mulheres chilenas, uma vez que se restringia às mulheres a prática do bordado. Muitas das arpilleras confeccionadas no período ditatorial no Chile surgiram da criação das oficinas de arpilleras, onde mulheres se organizavam para discutir política e, a partir disso, confeccionar em lã e crochê suas denúncias à violência, aos exílios e às mortes que estavam em ocorrência no país. Objetivando informar ao mundo exterior sobre a situação no Chile, as arpilleras configuraram um mecanismo de unificação das bordadeiras ao qual se dedicavam várias horas de trabalho diário, no intuito de relatar as experiências de violação pessoal e as dificuldades da vivência em comunidade, além de servir como fonte de renda. Por intermédio da prática artística popular, deu-se um meio poderoso de resistência, que até mesmo hoje é visto com certa banalidade, levando-nos a questões como a redutividade da significação sociopolítica nas atividades associadas tipicamente à produção feminina e a uma resignificação da arte popular. Em um momento em que o trabalho artesanal assume forma de manifestação oral, e ao mesmo tempo em que se atam os nós da repressão ditatorial sobre as bocas chilenas,

como forma de reposta de um grupo oprimido, atam-se os nós das arpilleras.

Schwantes, Caio Sato [UnB]

Arte-ficção: especulação, patafísica e utopias

O trabalho aqui proposto analisa a intersecção entre Arte e Ficção como ferramenta especulativa e utópica para o combate ao realismo capitalista, que insiste em se afirmar como único modelo possível, se utilizando da conformidade com a realidade vigente. Para isto faz-se uma revisão bibliográfica a partir dos conceitos de Real segundo Lacan, Realismo Capitalista segundo Mark Fisher e Hipernormalização sob o viés de Adam Curtis visando analisar o estado no qual se encontra a sociedade capitalista atual, somado a isto busca-se no teórico Teixeira Coelho o que ocorreu com o pensamento utópico e com as utopias pensadas ao longo da história. Baseado nesta análise conclui-se que a sociedade, de forma geral, não tem mais sonhos, apenas esperanças. Propõe-se então o uso da ficção, da especulação/design especulativo (como proposto pelos teóricos Dune & Raby), da mentira (defendida por Cecilia Mori, Fabio Oliveira Nunes e por Platão/Sócrates) e da patafísica (sob o olhar de Alfred Jarry, seu inventor, e Andrew Hughill, professor universitário e compositor) como forma de se sonhar novas utopias. Como tentativa de se pensar estas novas utopias, a pesquisa desemboca, por fim, na produção do trabalho artístico Ilha Käio. A Ilha Käio é um espaço fictício-fantástico onde tempo e espaço se distorcem através de jogos cenográficos que propõe uma super habitação da ilha por meio de polis, megalópoles e necrópoles. A ficcionalidade do espaço é questionada pela maior autoridade popular cartográfica atual: o Google Maps, que lhe confere veracidade, materialidade e reconhecimento institucional ao aloca-la nos paralelos 15°45'18.6"S 47°50'47.0"W. A fisicalidade da obra artística é composta por uma instalação de fotos de satélite do Google Earth retro iluminadas por fitas led, dioramas de peephole que criam ilusões de tridimensionalidade em imagens bidimensionais, maquetes, documentos oficiais e pintura digital.

SILVA, Vinicius Lorrان Oliveira [UFRJ]

Cidade Tela: pixação e suas possibilidades narrativas como ocupação da cidade

Este artigo busca dissertar sobre as formas como a pixação, técnica vista como subversiva no corpo das cidades brasileiras, desperta diálogos acerca das diferentes realidades urbanas e cria, assim, uma teia de possibilidades narrativas e interpretativas da noção de pertencimento e ocupação do espaço público por meio da arte na cidade do Rio de Janeiro. Tal técnica, marginalizada no consciente coletivo e que tem essa noção reforçada por sua criminalização, desempenha papel importante no processo de significação do espaço público das cidades para um grupo que a utiliza tanto como forma de demarcação de território quanto para questionamentos do funcionamento da cidade, além de ser uma possibilidade estética de resignificação desse espaço que não dialoga com todas as realidades do mesmo centro urbano. Para além de sua função resignificadora, discutir-se-á aqui, também, o caráter estético que permite que a pixação seja vista pela população como algo negativo e que “vandaliza” a cidade sem, muitas vezes, compreender o valor dessas marcas nos muros. Além de conceitos fundamentais como os de “arte urbana”, “espaço público” e a discussão da grafia “pixação” ao invés da escrita formal “pichação” vê-se importante também discutir a ideia de “obra aberta”, “ressignificação” e a ideia de “beleza” que, alinhados, parecem começar a dar conta de tantas possibilidades que a técnica se cerca. Para alcançar os objetivos de compreender essas possibilidades narrativas presentes na cidade, é necessário partir do conceito de “ocupação da cidade” e discutir questões acerca da “gentrificação”, que permitirá compreender como a cidade, em suma, pode suportar técnica com tamanha pluralidade e simbologias e fundamentar a percepção da cidade como tela, onde os artistas não são, necessariamente, figuras que produzem arte para galerias.

realização

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

<http://www.ppgav.unb.br>

Instituto de Artes Visuais

Universidade de Brasília



apoio

Programa de Apoio a Eventos no País – PAEP/ CAPES

Departamento de Artes Visuais – IdA/ UnB

Instituto de Ciências Biológicas

Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília

